DIAS GOMES

O BEM-AMADO

BB

Prefácio

(Farsa sócio-político-patológica em 9 quadros) O Bem-Amado é um dos textos mais deliciosos escritos por Dias Gomes. Acabo de lê-lo, mal podendo conter as risadas, diante das falas de Odorico ou das situações em que o personagem vai se envolvendo. O próprio autor define esta peça como uma farsa sócio-político-patológica e eu quero entender que a mencionada patologia se refere à vida política nacional, com seus vícios doentios: a demagogia, a corrupção e a falta de escrúpulo dos governantes.

A primeira versão de O Bem-Amado é de 1962. Embora bastante modificada na presente versão, a peça já continha então os elementos fundamentais que lhe asseguram a atualidade. Uma felicidade para o autor e uma desgraça para o Brasil que, quase trinta anos depois, continua a ser manobrado por demagogos e corruptos, em que pese às honrosas exceções.

Conforme me confidenciou o autor anos atrás, a figura do primeiro Odorico inspirou-se no então governador do Rio de Janeiro, que gostava de falar bonito e, por coincidência, propôs construir na cidade um cemitério vertical, de muitos andares — um arranha-céu para defuntos. Deduzo que o título O Bem-Amado alude ao eleitorado daquele político, constituído na sua maioria de mulheres umal-amadas", como afirmavam ironicamente seus opositores. O tiro no pé — com que Odorico, na primeira versão da peça, tenta forjar o suicídio —cabe na mesma ordem de alusões. Seria errôneo concluir, no entanto, que esse personagem é a exata imagem teatral daquele político. Odorico é mais que isso: é um arquétipo do político brasileiro, uma figura farsesca que, no exagero de seus traços, põe mostra a enfermidade social. Faz-nos rir dele, faz-nos rir de nós mesmos, induz-nos a curar o mal. E nisso, O Bem-Amado — que difere do tom dramático de outras obras de Dias Gomes, como O Pagador de Promessas, por exemplo — insere-se coerentemente na visão geral do dramaturgo, que clama pela mudança da sociedade.

A primeira montagem da peça só se deu em 1969, no Recife, pelo Teatro de Amadores de Pernambuco. A montagem profissional foi no ano seguinte, no Rio, com direção de Gianni Ratto e um elenco encabeçado por Procópio Ferreira e Iracema de Alencar. Estávamos então em plena ditadura e a nota escrita por Dias Gomes, no programa do espetáculo, reflete duas preocupações

principais: primeiro, a dificuldade de se montar no Brasil, profissionalmente, uma peça com mais de três atores (e O Bem-Amado tem quinze), o que inviabilizaria a abordagem de temas sociais, coletivos; e, segundo, o perigo de que a peça fosse tomada como um aval ao regime militar, que justificara o golpe nas instituições alegando a corrupção dos costumes políticos. De fato, como Dias observa, a ditadura só fez estimular a proliferação dos Odoricos. A lição a tirar-se daí é que só a prática democrática, paciente, prolongada, ininterrupta, conduzirá à educação dos eleitores e à tomada de consciência que expurgará os demagogos. Aliás, o final da peça, na versão 3tual, já aponta para isso: em vez de punir Odorico por um simples erro de pontaria, mostra-o vítima da revolta que sua arbitrariedade desencadeou: ele é morto por Zeca Diabo, um pistoleiro, homem do povo, que se regenerara mas que Odorico tenta reconduzir ao crime, para se beneficiar disso.

Zeca Diabo não tem esse nome da primeira versão da peça. Vários outros personagens também mudaram de nome e a peça igualmente: ela se intitulava: Odorico, o Bem-Amado. Boa parte dessas mudanças, se deve, creio eu, à adaptação da história para a televisão, inicialmente, como telenovela e depois como seriado. Essas versões televisas de O Bem-Amado alcançaram enorme êxito, tornando Odorico Paraguaçu, na interpretação de Paulo Gracindo, um personagem definitivamente inserido no imaginário popular brasileiro.

Se a necessidade de ajustar a história às exigências da TV — cujo público monta a várias dezenas de milhões de pessoas — levou o autor a acentuar o cunho popular dos personagens (inventando inclusive um linguajar abstruso para Odorico), possibilitou, por outro lado, uma reestruturação dramatúrgica da peça, que só lhe deu mais sabor e consistência.

O Bem-Amado é certamente uma das melhores comédias do teatro brasileiro.

Ferreira Gullar

Dias Gomes

Alfredo de Freitas Dias Gomes nasceu em Salvador, Bahia, a 19 de outubro de 1922. Aí realizou seus primeiros estudos, passando a residir no Rio de

Janeiro a partir de 1935. Cursou várias carreiras, entre as quais Direito e Engenharia, sem concluir nenhuma delas. Escreveu sua primeira peça teatral aos 15 anos, A Comédia dos Moralistas, obtendo com ela um prêmio do Serviço Nacional do Teatro. Mais tarde, aos 19 anos, viu sua primeira obra encenada, Pé-de- Cabra, com sucesso de público e de crítica, sendo saudado por Viriato Corrêa, o mais importante crítico da época, como aquele que seria, "mais cedo ou mais tarde, o autor mais importante do teatro brasileiro". Nessa sua primeira fase como dramaturgo, Dias Gomes escreveu ainda Amanhã Será Outro Dia; Doutor Ninguém; Zeca Diabo; João Cambão, quase todas encenadas por Procópio Ferreira. Alguns textos desta fase permanecem inéditos no teatro, como Um Pobre Gênio; Eu Acuso o Céu; Sinhazinha; O Homem que não Era Seu e Beco sem Saída, que foram apresentados apenas pelo rádio, anos mais tarde. Em todos eles, Dias revela já a preocupação de questionar a realidade brasileira, ou, como diria Anatol Rosenfeld, "de oferecer uma imagem crítica da realidade brasileira, naquilo que é caracteristicamente brasileiro e naquilo que é tipicamente humano".

A partir de 1944, Dias Gomes estendeu suas atividades ao rádio, para o qual foi levado por Oduvaldo Vianna, pai, tendo atuado em várias emissoras de São Paulo e do Rio, escrevendo e dirigindo programas. Foi diretor artístico da Rádio Bandeirantes de São Paulo, da Rádio Clube do Brasil (Rio) e da Rádio Nacional (Rio). Nessa fase, publicou quatro romances, Amanhã Será Outro Dia; Um Amor e Sete Pecados; A Dama da Noite e Quando É Amanhã?

Em 1954, após nove anos de ausência do teatro, fez nova experiência cênica com Os Cinco Fugitivos do Juízo Final, produzida por Jaime Costa, com direção de Bibi Ferreira. Mas foi em 1960, com O Pagador de Promessas, que retornou definitivamente ao teatro. O estrondoso sucesso nacional e internacional desta peça fez com que seu nome atravessasse as fronteiras do país, sendo hoje Dias Gomes, talvez, o nosso dramaturgo mais conhecido e mais representado no exterior. Vertido para o cinema, O Pagador de Promessas conquistou a "Palma de Ouro", no Festival de Cannes de 1962, além de vários outros prêmios nacionais e internacionais. Seu texto está traduzido para os seguintes idiomas: inglês, francês, russo, polonês, espanhol, italiano, vietnamita, hebraico, grego e servo-croata, tendo sido encenado nos Estados Unidos (seis produções), Polônia (quatro produções), União Soviética, Cuba, Espanha, Itália, Grécia, Israel, Argentina, Uruguai, Equador, Peru, México, Vietnã do Norte (durante a guerra) e Marrocos.

Na década de sessenta, Dias Gomes escreveu ainda as seguintes peças: A

Invasão; A Revolução dos Beatos; Odorico, o Bem-Amado; O Berço do Herói (proibida pela censura); O Santo Inquérito; O Túnel; Dr. Getúlio, Sua Vida e Sua Glória e Vamos Soltar os Demônios.

Em 1969, pressionado pela censura, que vetara vários textos seus, e sentindo que dificilmente poderia continuar sua obra teatral, a menos que se adaptasse às novas limitações impostas pelo regime vigente, preferiu experimentar um novo meio de expressão, a televisão. Sem trair a sua temática, levou para a TV suas preocupações políticas e sociais, escrevendo uma série de telenovelas que deram ao gênero um alto nível artístico e uma linguagem própria. Verão Vermelho; Assim na Terra Como no Céu; Bandeira 2; O Bem-Amado; O Espigão; Roque Santeiro (proibida pela censura); Saramandaia e Sinal de Alerta constituem um ciclo que repete na TV a tentativa de pintar um vasto painel de nossa realidade, levando ao espectador a consciência da necessidade de transformá-la.

A partir de 1978, após novo período de afastamento, durante o qual apenas se preocupou com reencenações de suas peças em todo o mundo, Dias Gomes voltou a escrever para o teatro. As Primícias foi publicada em livro e O Rei de Ramos foi encenado com enorme sucesso. Segundo Anatol Rosenfeld, autor de um dos mais inteligentes estudos sobre a sua obra, esta “no seu todo, se apresenta repleta de esplêndidas invenções, povoada de uma humanidade exemplar na glória e na miséria. Distinguem-na a imaginação rica, a variedade de caracteres vivos, a extraordinária latitude da escala emocional, indo dos comoventes destinos de Zé do Burro e Branca Dias ao riso amargo de O Berço do Herói e Dr. Getúlio, e à franca gargalhada de Odorico. Aberta ao sublime, sensível à grandeza trágica, a obra recorre ao mesmo tempo aos variados enfoques do humor, do sarcasmo e da ironia para lidar com os aspectos frágeis ou menos nobres da espécie humana. (...) Por isso a obra é amorável e respira futuro”.

A LONGA E TORTUENTA HISTÓRIA DE ODORICO, DITO O BEM-AMADO, EM SUAS ANDANÇAS E SAFADANÇAS POR ESSE MUNDO SEM DEUS, DESDE OS PRIMEIROS ENTRETANTOS ATÉ OS DERRADEIROS FINALMENTES

O Bem-Amado surgiu de um fato real que me foi relatado por Nestor de Holanda por volta de 1960. Nestor chegou a escrever uma crônica no Diário Carioca (ou na Última Hora?) sobre o assunto. O fato havia ocorrido numa cidadezinha do interior do Espírito Santo e tinha o sabor de anedota. O Prefeito da cidade não conseguia inaugurar o cemitério municipal, construído em cumprimento de uma promessa de campanha eleitoral, por falta de um defunto. Desde que assumira o posto, dois anos antes, ninguém morria. E o problema era um prato cheio para a oposição, que o acusava de malbaratar os recursos do município, o dinheiro do povo, numa obra inútil. Por essa época, O Pagador de Promessas fazia grande sucesso no Teatro Brasileiro de Comédia de São Paulo sob a direção de Hávio Rangel, que insistia para que eu escrevesse imediatamente uma nova peça, aproveitando a onda do Pagador. Escrevi O Bem-Amado. Flávio não se entusiasmou pela peça. Eu também não. O tema era bom, mas precisava ser mais trabalhado. Engavetei os originais, pois já tinha outro projeto na cabeça. Em 62, O Pagador virou filme e ganhou a Palma de Ouro em Cannes. E, de uma hora pra outra, eu passei a ser o autor mais solicitado do país. Choviam pedidos de peças, roteiros. Até mesmo uma revista, Cláudia, me propôs comprar os direitos de publicação de uma peça que eu escrevería especialmente para uma edição de Natal. Assinei um contrato para entregar essa peça em dois meses e tive apenas o trabalho de tirar O Bem-Amado da gaveta. A publicação da peça resultou em sua primeira apresentação pela televisão num especial da TV Tupi de São Paulo e na venda dos direitos de filmagem. O filme deveria ser rodado em Parati e dirigido por Leon Hirshman. Cheguei a escrever o roteiro mas, como é comum no cinema nacional, não chegou a ser realizado por falta de dinheiro.

Isso foi em 1963. Somente em 1968 a peça ganhou os palcos. Primeiro com o Teatro de Amadores de Pernambuco e, logo depois, em Salvador, no Teatro Vila Velha, sob o título Uma Obra do Governo. A primeira encenação foi um sucesso regional, a segunda um escândalo. Estava em moda o teatro de agressão e o diretor resolveu levar essa filosofia de espetáculo às últimas consequências: no final do primeiro ato, ao apagarem-se as luzes, os atores desciam do palco e saíam pelo corredor central distribuindo bofetes nos espectadores. Fui forçado por pressão da minha família, que assistira à estréia e levara o seu quinhão de sopapos, a desautorizar essa versão da peça.

Dois anos depois, no Rio de Janeiro, no Teatro Gláucio Gil, Gianni Ratto encenava a peça com Procópio Ferreira como protagonista. O espetáculo teve pouca repercussão. Por essa época eu iniciava uma série de experiências na

televisão aproveitando, quase sempre, a minha temática teatral. Chegou a vez do Bem-Amado, que teve o privilégio de ser a primeira novela a cores no país. Com um elenco maravilhoso, liderado por esse fabuloso Paulo Gracindo, a novela foi um sucesso extraordinário no Brasil e em todo o mundo. Sucesso tal que, apesar de Odorico ter morrido no fim da novela, a GLOBO me obrigou a ressuscitá-lo em 1980, num seriado que permaneceu cinco anos no ar. Anos negros de ditadura militar, de censura federal estúpida e castradora que tantas vezes mutilou episódios, quando não os proibiu pura e simplesmente. Mesmo assim, durante esse período de opinião pública amordaçada, de ausência de liberdade, O Bem-Amado cumpriu seu papel de satirizar e questionar a realidade do país através do microcosmo sucupirano. Alguns desses episódios foram por mim depois transformados em contos e publicados em dois volumes, Sucupira Ame-a ou Deixe-a e Odorico na Cabeça.

O presente texto, que a EDIOURO agora lança em edição de bolso, é o começo de tudo, a peça onde teve início essa longa jornada de Odorico Paraguaçu, dito o bem-amado e sua gente, por tantos gêneros e tantos caminhos, durante três décadas.

Nota do Autor

(no programa do espetáculo carioca)

De todas as minhas peças, foi esta a que teve vida mais acidentada. Sua primeira versão data de 1962. Do tempo em que escrever uma peça com 15 personagens e esperar que ela fosse encenada não era, como hoje, sinal evidente de desajustamento ou debilidade mental, reclamando para o seu autor internamento urgente numa clínica especializada. Hoje, os empresários não lêem mais peças, contam as personagens. E quando estas excedem de três, olham para nós com cara de espanto: — Para que tudo isso? Quer que haja mais gente no palco do que na platéia?

E devolvem a peça, obrigando-nos a pedir desculpas pelo nosso delírio de grandeza.

— Quinze personagens! Por que você não escreve uma ópera? Teatro é a

arte da síntese!

E o Teatro Brasileiro parece que caminha brilhantemente para a síntese total: todas as personagens numa só. E não está longe o dia em que, na platéia, haverá também um único espectador — a maravilhosa síntese de todos os outros! Teremos então alcançado a perfeição.

Por isso, como *Odorico* não foi encenada imediatamente — vendi o seu argumento para um filme que nunca foi feito — passados oito anos, parecia antediluviano sobrevivente de uma idade perdida, quando surgiu um jovem e audaz produtor querendo levá-la à cena. Confesso que, a princípio, não acreditei. Naturalmente ia me pedir para fundir todas as personagens em duas ou três, *etc.* Mas não, permitiu até que entrasse mais uma, um vira-lata. Espantoso! E tudo isso acontecendo no Estado da Guanabara, onde o Teatro é olhado como uma praga que é preciso extinguir, coisa que ofende mais as narinas de certas pessoas que os peixes que morrem diariamente na lagoa. Fantástico.

Bem, mas aí está *Odorico* em cena, por mais fantástico que pareça. Esta peça pertence a uma fase em que a dramaturgia brasileira procurava pesquisar nossa realidade, fazendo uma espécie de tipificação do nosso povo. Odorico Paraguaçu é um tipo de político que — embora a prática das eleições pareça já coisa do passado — é bastante comum, não só no interior como nas grandes cidades. Ê claro que o grau de demagogia e paranóia é variável. Mas o processo é o mesmo. E não se pense que a proibição do povo de eleger livremente seus candidatos nos livra dos Odoricos provincianos ou citadinos, estaduais ou federais. Eles existem e continuarão existindo, com maior ou menor extroversão, porque são frutos, não da prática da democracia, mas da alienação e do oportunismo dos governantes, eleitos ou nomeados, escolhidos ou impostos.

D. G, 1970

Odorico, o Bem-Amado foi escrita em 1962 e publicada, pela primeira vez, em 1963, num especial da revista *Claudia,* sob o título de *Odorico, o Bem-Amado e os Mistérios do Amor e da Morte.*

Foi encenada, pela primeira vez, em 1969, no Teatro Santa Isabel, do Recife, pelo TAP — Teatro de Amadores de Pernambuco, sob a direção de Alfredo de Oliveira, com cenários do próprio diretor, iluminação de Erivaldo Mota, caracterização de Nita Campos Lima, contra-regragem de Idalto Vital,

maquinaria de Alceu Domingues Esteves e penteados de Mariinha. No elenco, Reinaldo de Oliveira (como Odorico), Diná de Oliveira (Cotinha), Violeta Cláudia Torreão (Dudu), Paulo Ferreira (Dirceu Borboleta), além de Luiz Carlos Nunes Machado, Elaine Soares, Pedro de Souza, Antônio Albuquerque, Roberto Correia, Nuno Guedes Pereira, Romildo Halliday, Netinha Guedes Pereira e Vicentina Freitas do Amaral, entre outros.

Em 1970, uma nova montagem estreou no Teatro Gláucio Gil, no Rio de Janeiro, com a seguinte ficha técnica:

Direção e Cenários de:	GIANNI RATTO
Assistente:	ALVIM BARBOSA
Produção de:	CIA. TEATRO PRINCESA ISABEL (ORLANDO MIRANDA E PEDRO VEIGA)
Músicas de:	ELTON MEDEIROS
Supervisão de Figurinos:	TATIANA MEMÓRIA
Maquinista-chefe:	WAGNER RODRIGUES DOS SANTOS
Maquinista-auxiliar:	CARLOS ALBERTO
Eletricista-chefe:	JOSÉ MATTOS
Eletricista-auxiliar:	PAULO JOSÉ
Contra-regra:	NILSON REZENDE
Execução dos cenários:	IRINEU
Execução dos figurinos:	DOLORES PAIXÃO
Gerente:	DAVID MACHADO

<u>ELENCO:</u>

Odorico / *Procópio Ferreira* Dorotéa / *Iracema de Alencar* Dermeval / *Alvim Barbosa* Chico Moleza / *Antônio Ganzarolli* Mestre Ambrósio / *Antônio Victor* Zelão / *Adalberto Silva* Chiquinha dos Padres / *Lúcia Regina* Lenilda / *Isolda Cresta* Juju / *Maria Helena Velazco* Dulcinéa / *Ruth Mezeck* Dirceu Borboleta / *Celso Cardoso* Velho Funcionário / *Waldir Mata* Neco Pedreira / *Rogério Fróes* Vigário / *Luiz Carlos Laborda* Bebeto / *Alvim Barbosa* Zeca Diabo / *Nelson Mariani* Stand-in / *Tony Ferreira*

Outras montagens depois se seguiram a essas, em diversos Estados do país.

PERSONAGENS:

Chico Moleza
Dermeval
Mestre Ambrósio
Zelão
Odorico
Dorotéa
Judicéa
Dulcinéa
Dirceu Borboleta
Neco Pedreira
Vigário
Zeca Diabo
Ernesto
Hilário Cajazeira

AÇÃO: Sucupira, pequena cidade do litoral baiano

PRIMEIRO QUADRO

Pequena praça de uma cidadezinha de veraneio do litoral baiano. Há uma grande árvore, um coreto e uma venda. Sob a árvore, sentado no chão, Chico Moleza dedilha molemente o violão. Em frente à vendola, Seu Dermeval remenda uma rede de pescar. É um mulato gordo e bonachão, de idade já avançada.

Passa-se meio minuto. Entram Mestre Ambrósio e Zelão carregando um defunto numa rede. 0 enterro é acompanhado apenas por uma beata, velhinha, enrugada como um jenipapo, e um cachorro, um magro vira-lata, que vem amarrado à rede. Mestre Ambrósio é um velho pescador de tez moreno-avermelhada, curtido do sol. Musculatura batida, chapelão de palha, calças de algodão branco, sua figura infunde respeito. Zelão é um negro reluzente, mais moço do que mestre Ambrósio, pescador como ele. Traz vários amuletos no pescoço e um bom humor constante. A velha reza baixinho enquanto os dois pescadores avançam até ao centro da cena, com o passo não muito firme, e aí depositam o féretro. Moleza pára de tocar e descobre-se, em sinal de respeito. O apelido o define bem: gestos lentos, descansados, fala mole, é ele um retrato vivo da cidade, onde a vida passa sem pressa.

.....

MESTRE AMBRÓSIO

Vamos molhar um pouco a goela na venda de seu Dermeval, Zelão.

ZELÃO

É bom.

DERMEVAL

{Indicando o defunto) Mestre Leonel?

MESTRE AMBRÓSIO

É. Embarcou, coitado.

DERMEVAL

(Dirige-se à venda) No mar?

MESTRE AMBRÓSIO

Qui-o-quê. Janaína quis saber dele não. Esticou em terra mesmo.

ZELÃO

É de-hoje que não entrava num saveiro. Mal agüentava com um caniço. Quase cem anos no costado, sabe como é.

MESTRE AMBRÓSIO

Tava que nem saveiro velho, cheio de ostra pelo casco, fazendo água por todo o lado. Precisava mesmo ir pro estaleiro.

DERMEVAL

Também entornava um bocado.

MESTRE AMBRÓSIO

Pra esquecer. Sabe o que é um mestre de saveiro respeitado como ele foi chegar ao fim da vida tendo quase que pedir esmolas?

ZELÃO

A gente sempre dava para ele as sobras da pescaria: pititinga, chicharro, peixe miúdo.

MESTRE AMBRÓSIO

Morreu sem ter dinheiro nem pro caixão.

DERMEVAL

Tinha parente não?

MESTRE AMBRÓSIO

Ter, tinha. Botou um bocado de filho no mundo, o falecido, que a terra lhe seja leve. Mas tudo levantou âncora. Uns foram pra Salvador, outros pra São Paulo. Por aqui só aparecia mesmo, de vez em quando, a filha mais nova. Uma que caiu na vida.

ZELÃO

E que pedaço de mau caminho, seu mano! Tenho uma sede nela!

MESTRE AMBRÓSIO

Oxente, Zelão, respeita o defunto!

ZELÃO

Que o finado me desculpe, mas é mesmo. E um dia eu a pesco um cação de três metros, boto o dinheiro no bolso e vou me afogar naquelas águas. *(Ri.)* MESTRE AMBROSIO

Dá mais um porongo.

(Dermeval enche os dois copos. Eles bebem de um trago. Dermeval torna a enchê-los. Enquanto isso, Moleza levanta-se com a sua característica lentidão, aproxima-se do defunto, descobre-o.) MOLEZA

Coisa besta é a vida; ontem tava vivo, hoje tá morto. Que merda!

ZELÃO

Vem tomar um mata-bicho, Moleza.

MOLEZA

(Vai à venda.) Como foi?

(Dermeval serve uma cachaça.)

MESTRE AMBROSIO

A gente voltava da pescaria, hoje de manhã, eu mais Zelão, encontramos ele estendido na praia, o cachorro lambendo a cara.

MOLEZA

Lambendo a cara, Mestre Ambrósio?

MESTRE AMBRÓSIO

E chorava. Chorava de correr lágrima.

MOLEZA

O cachorro?

MESTRE AMBRÓSIO

Oxente, gente, já viu defunto chorar?

MOLEZA

Nem defunto, nem cachorro.

MESTRE AMBRÓSIO

Quero que esta luz me cegue, se não é verdade.

ZELÃO

Verdade, sim. O bicho parecia que sabia que o velho tinha espichado. Chorava como gente.

MESTRE AMBRÓSIO

De cortar o coração, seu Moleza.

DERMEVAL

(Referindo-se à velha) E a velha?

MESTRE AMBRÓSIO

Sei lá. Nós viemos, ela veio atrás.

DERMEVAL

Será que ela e o velho... ?

Zelão solta uma gargalhada imoral.

MESTRE AMBRÓSIO

Capaz. Quando era moço, de saia mesmo mestre Leonel só respeitava padre e santo de andor. *(Todos riem.)* Vamos se chegando, Zelão, que ainda temos três léguas pela proa.

DERMEVAL

Três léguas. Quando chegarem lá, em vez de um defunto vão ter dois pra enterrar.

MESTRE AMBRÓSIO

Isto é uma terra infeliz, que nem cemitério tem. Pra se enterrar um defunto é preciso ir a outra cidade.

MOLEZA

Não era melhor jogar o corpo no mar?

MESTRE AMBRÓSIO

Pra quê? Pra vir dar na praia de manhã?

MOLEZA

Jogava bem longe, em alto-mar. Fazia de conta que tinha morrido afogado. Mestre Leonel, que era pescador, ia se sentir até melhor acomodado.

MESTRE AMBRÓSIO

Vinha dar na praia do mesmo jeito. Não vê que se dona Janaína não quis ele quando era moço, não ia querer agora? Janaína gosta é de gente nova, sadia.

DERMEVAL

Falar em Janaína, sabe do caso do sujeito que se encontrou com a mãe-d'água no meio do mar?

ZELÃO

Sei não. Como é?

DERMEVAL

Quando ele viu aquele mulherão pela frente, toda nua, mulher do umbigo pra cima e peixe do umbigo pra baixo, perguntou: “Siá dona, será que vosmicê não tem uma irmã que seja ao contrário?" *Todos riem exageradamente. Estão já bastante bêbedos. Moleza dedilha o violão.*

MOLEZA

(Canta:)

Dona Janaína princesa que é Filha das águas do Abaité Dona Janaína i nana ê

MESTRE AMBRÓSIO, DERMEVAL e ZELÃO

(Coro:)

I nana ê
I nana ê

Odorico entra, suando por todos os poros. Não é propriamente um belo homem, mas não se lhe pode negar certo magnetismo pessoal. Demagogo, bem-falante, teatral no mau sentido, sua palavra prende, sua figura impressiona e convence. Veste um terno branco, chapéu-panamá.

ODORICO
Ah, lá estão! Ainda cheguei a tempo.

DERMEVAL
Bom-dia, Coronel Odorico.

ODORICO
Bom-dia, minha gente.

Ao verem Odorico, Mestre Ambrósio e Zelão deixam o balcão. Moleza pára de tocar.

MESTRE AMBRÓSIO
Bom-dia, Coronel. Fizemos uma parada rápida, pra molhar a goela. Vamos ter que gramar três léguas.

ODORICO
Três léguas. Pra se enterrar um defunto é preciso andar três léguas.

DERMEVAL
Um vexame!

MOLEZA
Vexame pro defunto: ter que viajar tanto depois de morto.

ODORICO

E uma humilhação para a cidade, uma humilhação para todos nós, que aqui nascemos e que aqui não podemos ser enterrados.

MOLEZA

Muito bem dito.

Entram Dorotéa e Judicéa. A primeira é professora do grupo escolar, de maneiras pouco femininas, com qualidades evidentes de liderança. Paradoxalmente, Odorico exerce sobre ela terrível fascínio. Também sobre Juju esse fascínio se faz sentir. E isso poderia ser explicado por diferentes tipos de frustração.

ODORICO

Quem ama sua terra deseja nela descansar. Aqui, nesta cidade infeliz, ninguém pode realizar esse sonho, ninguém pode dormir o sono eterno no seio da terra em que nasceu. Isto está direito, minha gente?

TODOS

Está não!

ODORICO

Merecem os nossos mortos esse tratamento?

DOROTÉA e JUJU

Merecem não.

Entram Dulcinéa e Dirceu Borboleta, este com uma vara de caçar borboletas e uma sacola. Odorico exerce sobre ela o mesmo fascínio que sobre suas irmãs Judicéa e Dorotéa. Quanto a ele, é um tipo fisicamente frágil, de óculos, com ar desligado.

ODORICO

(Já passando a um tom de discurso:) Vejam este pobre homem: viveu quase oitenta anos neste lugar. Aqui nasceu, trabalhou, teve filhos, aqui terminou seus dias. Nunca se afastou daqui. Agora, em estado de defuntice

compulsória, é obrigado a emigrar; pegam seu corpo e vão sepultar em terra estranha, no meio de gente estranha. Poderá ele dormir tranqüilamente o sono eterno? Poderá sua alma alcançar a paz?

TODOS

Não. Claro que não.

Populares são atraídos pelo discurso de Odorico, que se empolga, sobe ao coreto.

ODORICO

Meus conterrâneos: vim de branco para ser mais claro. Esta cidade precisa ter um cemitério.

TODOS

Muito bem! Apoiado!

DOROTÉA

Uma cidade que não respeita seus mortos não pode ser respeitada pelos vivos!

ODORICO

Diz muito bem Dona Dorotéa Cajazeira, dedicada professora do nosso grupo escolar. É incrível que esta cidade, orgulho do nosso Estado pela beleza de sua paisagem, por seu clima privilegiado, por sua água radioativa, pelo seu azeite-de-dendê, que é o melhor do mundo, até hoje ainda não tenha onde enterrar seus mortos. Esse prefeito que aí está...

DOROTÉA, DULCINÉA e JUJU

(Vaiam) Uuuuuu!

ODORICO

Esse prefeito que aí está, que fez até hoje para satisfazer o maior anseio do povo desta terra?

DIRCEU

Só pensa em construir hotéis para veranistas!

DULCINÉA

Engarrafar água para vender aos veranistas!

ODORICO

Tudo para os veranistas, pessoas que vêm aqui passar um mês ou dois e voltam para suas terras, onde, com toda *certeza,* não falta um cemitério. Mas aqui também haverá! Aqui também haverá um cemitério!

JUJU

(Grita histericamente:) Queremos o nosso cemitério!

DOROTÉA, JUJU, DIRCEU e DULCINÉA Queremos o cemitério! Queremos o cemitério!

ODORICO

E haveremos de tê-lo. Cidadãos sucupiranos! Se eleito nas próximas eleições, meu primeiro ato como prefeito será ordenar a construção imediata do cemitério municipal.

TODOS

(Aplausos.) Muito bem! Muito bem!

Uma faixa surge no meio do povo.

VOTE NUM HOMEM SÉRIO E GANHE SEU CEMITÉRIO

ODORICO

Bom governante, minha gente, é aquele que governa com o pé no presente e o olho no futuro. E o futuro de todos nós é o campo-santo.

MOLEZA

O campo-santo.

DULCINÉA Que homem!

DIRCEU

(Repreende-a:) Du, tenha modos!

ODORICO

E preciso garantir o depois-de-amanhã, para ter paz e tranqüilidade no agora. Quem é que pode viver em paz mormentemente sabendo que, depois de morto, defunto, vai ter que defuntar três léguas pra ser enterrado?

MOLEZA

É mesmo um pecado!

ODORICO

Uma vergonha! Mas eu, Odorico Paraguaçu, vou acabar com essa vergonha.

MESTRE AMBRÓSIO

Seu doutor me disculpe, mas desde pequenininho que eu escuto falar nessa história de cemitério. E a coisa fica sempre na conversa. Todo mundo acha que deve fazer, mas ninguém faz.

ZELÃO

Lá isso é.

Entra Neco Pedreira. É o dono dojornaleco da cidade, A Trombeta. *Jovem combativo, algo esclarecido, afora uma certa dose de charlatanismo, é um indivíduo positivo, um pouco acima da mentalidade da cidade. E a consciência disso lhe produz certa frustração.*

ODORICO

Mas eu vou fazer. Os que votaram em mim para vereador sabem que cumpro o que prometo. Prometi acabar com o futebol no largo da igreja e acabei. Prometi acabar com o namorismo e o sem-vergonhismo atrás do forte e acabei. Agora prometo acabar com essa humilhação para a nossa cidade, que é ter que pedir a outro município licença pra enterrar lá quem morre aqui. E vou cumprir.

Neco Pedreira disfarçadamente acende um "espanta-moleque" e o atira no meio da praça. As mulheres gritam, histericamente. O povo corre.

DOROTÉA

É ele! Não podia ser outro!

JUJU

Neco Pedreira!

DULCINÉA

Cafajeste!

NECO

Quem morreu fedeu, Odorico.

JUJU

Minha Nossa Senhora, que heresia!

DOROTÉA

Com certeza vai escrever isso na sua imunda *gazeta..*

ODORICO

Eu sei que há muita gente que não respeita os mortos, nem acredita em Deus. Não é para esses ateístas despenitentes que vamos construir o nosso cemitério.

NECO

Muito obrigado. Espero que você seja o primeiro a fazer uso dele.

ODORICO

(Para os pescadores:) Vamos seguir com o enterro.

MESTRE AMBRÓSIO

Vamos lá, Zelão. Pega na proa que eu vou no leme. *Zelão e Ambrósio voltam a carregar o defunto.*

MESTRE AMBRÓSIO
Tava pesado assim quando a gente veio, Zelão?

ZELÃO
Tava não, Mestre Ambrósio.

MESTRE AMBRÓSIO
Então o finado engordou.

ZELÃO
Acho que sim.

MOLEZA
Diz que surra de chicote é bom: a alma sai e o defunto fica mais leve.

ZELÃO
Também já ouvi dizer.

MESTRE AMBRÓSIO
Vamos indo. Na estrada a gente arranja um cipó e dá um chá de vara nele.

DIRCEU
Você vai, Du?

DULCINÉA
Claro. Você não percebe que é importante, Dirceu? Minhas irmãs também vão.

DIRCEU
Eu vou pra casa.

DULCINÉA
Fazer o quê?

DIRCEU

Deixei as borboletas secando na janela, tenho medo dos gatos...

Dulcinéa faz uma cara de fastio e une-se ao grupo que vai acompanhar o enterro.

O cortejo se movimenta. O defunto vai à frente, ziguezagueando em sua rede, por mais esforço que façam Zelão e Ambrósio para caminhar em linha reta. O cão segue, amarrado à rede. E, mais atrás, a Velha, Odorico, Dorotéa, Juju e Moleza, que tira acordes no violão.

VELHA

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

OS ACOMPANHANTES

Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém.

(Saem.)

DERMEVAL

Se ele prometer fazer o cemitério aqui em frente da venda, meu voto é dele.

DIRCEU

Qual seu interesse nisso?

DERMEVAL

Ora, seu Dirceu, gente de velório bebe muito. Pegou muita borboleta hoje?

DIRCEU

Só esta. *(Mostra.)* Veja.

DERMEVAL

É bonita.

DIRCEU

É rara. Raríssima. É uma Morpho Deidâmea. *(Sai.)*

DERMEVAL

Homem que vive caçando borboleta, a mulher acaba virando mariposa... *(Ri e volta a remendar sua rede.)* **NECO**

(Vai à venda.) Seu Dermeval, me bota aí um engasga-gato.

DERMEVAL

(Larga a rede, vai servir a cachaça.) Como vai a gazeta, Dr. Neco?

NECO

Mal, seu Dermeval, mal. Numa cidade atrasada, onde não há crimes, desastres, roubos, onde nem mesmo as mulheres corneiam os maridos, como é que pode haver imprensa?

SEGUNDO QUADRO

Uma sala da prefeitura. O ambiente é modesto. Durante a mutação, ouve-se um dobrado e vivas a Odorico, "viva o prefeito", etc. Estão em cena Dorotéa, Juju, Dirceu, Dulcinéa, Vigário e Odorico. Este último, à janela, discursa.
.....

ODORICO

Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu.

Aplausos vêm de fora.

ODORICO

Eu prometi que o meu primeiro ato como prefeito seria ordenar a construção do cemitério.

Aplausos, aos quais se incorporam as personagens em cena.

ODORICO

(Continuando o discurso:) Botando de lado os entretantos e partindo prós finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrentemente vocês já poderão morrer descansados, tranqüilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido.

Aplausos. Vivas. Foguetes. A banda volta a tocar. Odorico acena para o povo sorridente, depois deixa a janela e é imediatamente cercado pelos presentes, que o cumprimentam.

DOROTÉA

Parabéns. Foi ótimo o seu discurso.

JUJU

Disse o que precisava dizer.

ODORICO

Obrigado, obrigado.

DIRCEU

De um homem assim é que a gente precisa; vai direto à questão.

DULCINÉA

Formidável.

ODORICO

Obrigado, obrigado. Conto com vocês.

DOROTÉA

Pode contar. Comigo e com minhas irmãs. Queríamos convidar o Prefeito pra tomar um licorzinho conosco lá em casa esta noite.

ODORICO

Licor? De quê?

JUJU

De jenipapo.

ODORICO

Jenipapo é bom. Sou um jenipapista juramentado.

DOROTÉA

Podemos esperá-lo?

ODORICO

Podem... vamos comemorar a posse com uma jenipapação.

JUJU

(Tem um risinho histérico, que corta de súbito ante o olhar severo de Dorotéa.)

DOROTÉA

Então, até mais logo. Você vem, Dulcinéa?

DULCINÉA

Dirceu...?

DIRCEU

Eu vou ter que ficar. Agora sou secretário do Prefeito... Me espere em casa, bem... não demoro.

Dorotéa, Juju e Dulcinéa saem.

ODORICO

Seu Dirceu, o senhor viu todos aqueles processos que eu pedi?

DIRCEU

Estão todos separados.

ODORICO

Então vá buscar. Vamos trabalhar.

DIRCEU

Um instante só.

(Sai.)

VIGÁRIO

O senhor já vai começar a trabalhar?

ODORICO

Já. Não sou homem de perder tempo. E vou tratar de assunto de seu interesse: a construção do cemitério.

VIGÁRIO

Sabia que o senhor não ia esquecer as promessas feitas ao eleitorado.

ODORICO

Na próxima vez que o senhor vier aqui já quero lhe ralar da inauguração. Aliás, a Igreja devia ajudar. É uma obra cristã, e que, entrementemente, vai render dividendos para a paróquia. Benzemento de corpo, encomendação de alma...

O Vigário se esquiva.

VIGÁRIO

Sabe, coronel... o teto da igreja está ameaçando de vir abaixo. Vou ter que fazer umas quermesses para arranjar dinheiro...

Entra Dirceu, com vários processos.

DIRCEU

Está tudo aqui. O senhor vai examinar agora?

ODORICO

Vou. Quero saber logo se há alguma verba para dar início à construção do cemitério.

DIRCEU

(Coloca os processos sobre a mesa.) Nem um tostão. Só déficit.

ODORICO

(Folheia os processos.) Não é possível.

DIRCEU

A prefeitura tem um terreno...

ODORICO

O terreno só não resolve, é preciso dinheiro para o muro, as alamedas, a capela.

DIRCEU

(Examinando um processo:) Parece que há um restinho de verba da água.

ODORICO

Da água?

DIRCEU

É, para consertar os canos.

ODORICO

Diz isso aí?

DIRCEU

Não, aqui só fala em obras públicas de urgência.

ODORICO

O cemitério também é uma obra pública de urgência. É ou não é? *(Irônico.)* De muita urgência.

DIRCEU

Há um restinho, pouca coisa...

ODORICO

(Anima-se.) Não tem importância, um restinho com mais um restinho, já se faz um cemiteriozinho.

DIRCEU

É da luz. Para aumentar a força.

ODORICO

Para que aumentar a força?

VIGÁRIO

A luz anda muito fraca, Coronel, quase não se consegue ler.

ODORICO

Mas para que ler de noite? Pode-se ler de dia. E depois, uma cidade de veraneio deve ter luz bem fraca, para que se possa apreciar bem o luar... A cidade é muito procurada pelos namorados... O senhor Vigário me perdoe.

DIRCEU

Só que esse desvio de verba...

ODORICO

É para o bem do município. Tenho certeza que Deus vai aprovar tudo.

VIGÁRIO

Quem sabe?... As intenções são boas... E como Deus não é um burocrata...

ODORICO

Então vamos escolher o terreno.

DIRCEU

A prefeitura só tem um, mas está ocupado.

ODORICO

Ocupado? Por quem?

DIRCEU

Pelo circo.

ODORICO

Ora, o circo que se mude. Chega das palhaçadas de antigamente. Prafrentemente, vamos tratar de coisas sérias. Pode levar isso daqui.

Dirceu sai com os processos.

ODORICO

Quero ver agora o que vão dizer os que acusavam de oportunista, de demagogista. Quando virem os pedreiros levantando os muros, construindo a capela, calçando as alamedas vão ficar com cara de Sinhá Mariquinha-cadê-o-

frade.

VIGÁRIO

Quando o senhor espera inaugurar esse cemitério?

ODORICO

Dentro de três meses, com o primeiro enterro, que será custeado pela municipalidade. *(Surgelhe uma idéia.)* Podíamos até... Oh, não, oferecer um prêmio não ficava bem. Mas custear os funerais e dar certa pompa, isso era mais do que justo. Banda de música, marcha fúnebre. E uma inscrição no mausoléu também, assinalando o pioneirismo do defunto, o primeiro a ser sepultado em terras de Sucupira.

DULCINÉA

(Entra e se assusta com a presença do Vigário.) Desculpe... pensei que o Prefeito estivesse sozinho...

VIGÁRIO

Não está, mas vai ficar. O Prefeito vai me dar licença...

ODORICO

Obrigado por sua presença, seu Vigário.

DULCINÉA

Sua bênção, seu Vigário.

VIGÁRIO

Deus lhe abençoe.
(Sai.)

Dulcinéa espera o Vigário sair, está muito nervosa.

ODORICO

Você voltou...

DULCINÉA

Onde está meu marido?

ODORICO

Dirceu... está lá pra dentro...

DULCINÉA

Preciso muito falar com você... Eu não lhe disse nada... mas estava apavorada...

ODORICO

Com quê? Seu marido!...

DULCINÉA

Pior... Pensei que estivesse grávida! Mas era rebate falso...

Dirceu entra nesse momento e Odorico procura disfarçar.

ODORICO

Sinto muito, Dona Dulcinéa, mas seu Dirceu agora é funcionário da Prefeitura, tem que cumprir o expediente.

DIRCEU

Du... que houve? Não lhe disse pra me esperar em casa?

DULCINÉA

Está bem... é que eu pensei... Desculpe... *(Sai.)*

DIRCEU

Ela veio pedir pro senhor deixar eu sair mais cedo?

ODORICO

É, veio... Mas o senhor compreende, mesmo sendo seu padrinho de casamento, tenho que botar de lado esses considerandos...

DIRCEU

Claro... É que ela, coitadinha, se sente muito só quando não está comigo.

ODORICO

Já percebi isso... Mas muito em breve ela não vai sentir mais essa

solitude... Quando começarem a nascer os filhos...

Dirceu faz uma pausa, constrangido.

DIRCEU
Filhos?...

ODORICO
É... filhos. Aliás, já está em tempo...

DIRCEU
Nós não vamos ter filhos.

ODORICO
Oxente, por quê?

DIRCEU
Vou lhe confessar uma coisa, Coronel... Porque o senhor é meu padrinho... e padrinho é como um segundo pai.

ODORICO
Claro...

DIRCEU
Eu... eu sou irmão oblato... Fiz voto de castidade.

ODORICO
Voto de castidade?! E ela sabe disso?... Bom, tem que saber...

DIRCEU
Casamos com essa condição. De manter o meu voto.

TERCEIRO QUADRO

Odorico lê um exemplar de **A Trombeta,** *o jornaleco local. Seu rosto revela profunda indignação.*

.....

ODORICO

(Resmunga, enquanto lê.) Patife! Canalha! (Amarrota o jornal violentamente e atira-o ao chão. Põe-se a andar nervosamente de um lado para o outro, e por fim senta-se à sua mesa, parecendo a ponto de ter um colapso.)

DOROTÉA

(Entra quase marcialmente.)

Bom-dia, senhor prefeito.

ODORICO

Bom-dia. *(Levanta-se de um salto.)* A senhora já leu a gazeta?

DOROTÉA

Ainda não.

ODORICO

Esse patifento desse Neco Pedreira me chama de demagogo esbanjador dos dinheiros públicos... me xinga de tudo quanto é nome. *(Apanha o jornal.)* Leia a senhora mesma, leia.

DOROTÉA

Que retrato é esse que ele botou na primeira página?

ODORICO

É um retrato que tiraram de mim durante a construção do cemitério. Tem um ano, já.

DOROTÉA

(Lendo.) "Odorico, o pastor de urubus."

ODORICO

Que é que eu faço com um mau-caratista como esse, Dona Dorotéa? Que é que eu faço? Já pensei em arranjar dois jagunços e mandar dar uma surra...

DOROTÉA

Isso me parece contraproducente; vai fazer dele um herói e aumentar a venda do pasquim. Além do mais, o senhor teria que mandar surrar muita gente. A oposição está ganhando terreno dia-adia. E o que Neco escreveu n'*A Trombeta é* mais ou menos o que os nossos inimigos dizem por aí.

ODORICO

Eu sei. É um movimento subversivo procurando me intrigar com a opinião pública e criar problemas à minha administração. Sei, sim. É uma conspiração. Eles não queriam o cemitério. Desde o princípio foram contra. E agora que o cemitério está pronto caem de pau em cima de mim, me chamam de demagogo, de tudo, somentemente, porque aconteceu o que não devia acontecer. Ou melhor: só porque não aconteceu o que devia acontecer. Como se eu tivesse culpa!

DOROTÉA

Seja como for, é uma situação horrível, que precisa ser resolvida.

ODORICO

Mas resolvida como?

DOROTÉA

O senhor sabe que pode contar comigo para tudo. Apesar... apesar de minha situação pessoal não ser também das melhores. Há seis meses que não recebo e o grupo está sem dinheiro até para comprar material escolar.

ODORICO

E todo mundo acha que a culpa é do cemitério. É verdade que a receita municipal baixou um pouco: não obstantemente, estamos agora livres da humilhação de enterrar nossos mortos no cemitério dos outros.

DOROTÉA

Acho que o senhor só tem uma saída: inaugurar o cemitério.

ODORICO

Inaugurar como? Se há um ano não morre ninguém nesta terra?!

DOROTÉA

Inaugure sem defunto mesmo.

ODORICO

Era uma desmoralização. Depois da gente ter anunciado aos quatro ventos que a inauguração ia ser com o primeiro enterro, era passar o recibo de inutilidade do cemitério; era dar razão à oposição, que diz que é dinheiro jogado fora. Não, inaugurar campo-santo sem defunto é o mesmo que batizar navio em terra firme. Não tem graça.

DOROTÉA

Menos graça tem ainda o que a Câmara Municipal está preparando.

ODORICO

Que é?

DOROTÉA

Soube hoje que vão pedir esse tal de *impeachment.*

ODORICO

Já me disseram. Querem votar o meu impedimento. Mas isso eles não vão conseguir. Não vão conseguir.

DOROTÉA

Acho que só há um meio de evitar: arranjar um defunto qualquer e inaugurar o cemitério. Não se podia comprar um?

ODORICO

Já pensei nisso. Mandar buscar em Salvador. Lá se vendem cadáveres para estudo na Faculdade de Medicina.

DOROTÉA

Pois então! E a solução!

ODORICO

Mas muito perigosa. A oposição ia descobrir, com toda a certeza. E nem é bom imaginar o que iam dizer de nós.

DOROTÉA

Não há ninguém doente na cidade?

ODORICO

Em estado de dar esperança, parece que ninguém. Em todo caso, mandei o coveiro fazer uma verificação.

DOROTÉA

Quase todo ano há sempre um veranista que morre afogado.

ODORICO

Este ano o mar está que é uma lagoa. Nunca vi tanto azar.

DOROTÉA

Então, que vamos fazer?

ODORICO

Sei lá, Dona Dorotéa, sei lá. Passo dia e noite pensando nisso e não encontro jeito. É uma situação deverasmente embaraçante.

Entra Moleza.

MOLEZA

Dá licença?

ODORICO

Como é, seu Moleza? Alguma esperança?

MOLEZA

Nenhuma, seu prefeito, nenhuma. Andei a cidade toda, perguntei a todo mundo. Ninguém sabe de ninguém que esteja pra espichar.

ODORICO

Será possível! Ninguém adoece nesta cidade!

MOLEZA

Perguntei pro doutor.

ODORICO

Esse vive de receitar água e dar remédio pra dor de barriga.

MOLEZA

Foi o que ele disse: que morrer aqui só se morre mesmo de velho e desarranjo. Mas custa. No ano atrasado, não sabe...

ODORICO

Não me interessa o ano atrasado, interessa este. Precisamos inaugurar o cemitério, o quanto antes. Não é possível esperar mais.

MOLEZA

Está muito difícil, seu Coronel. Há uma carência muito grande de defunto. O jeito é ter paciência e fé em Deus.

ODORICO

É, pra você é muito fácil ter paciência. Está há um ano ganhando como coveiro sem trabalhar.

MOLEZA

Mas não recebo...

ODORICO

Receba ou não receba, o senhor é um parasita do município. Se fosse um funcionário equipado de bom caráter e amor-próprio, já tinha procurado resolver essa situação e tornar-se um cidadão útil à comunidade. O senhor **é** uma vergonha e um mau exemplo para o funcionalismo municipal. Tenho ou não tenho razão, Dona Dorotéa?

DOROTÉA

Inteira. O cidadão coveiro é, inclusive, um perigo para a comunidade.

MOLEZA

Perigo, eu?

DOROTÉA

Perigo pela sua inatividade, que além de ser imoral é mais um motivo para os nossos inimigos nos atacarem.

MOLEZA

Mas que culpa tenho eu, se não me dão serviço?

DOROTÉA

Aliás, se o senhor prefeito tivesse investigado os antecedentes do cidadão coveiro, antes de nomeá-lo, teria visto que ele nunca foi de fazer força. Haja visto o apelido que lhe puseram: Moleza.

ODORICO

Bem, eu pretendi, com essa nomeação, premiá-lo pelo seu trabalho na minha campanha. Esperava que isso fosse também um estímulo e ele se compenetrasse de que agora precisava desconfirmar o apelido. Mas de nada adiantou. É um caso perdido.

MOLEZA

Injustiça. Vosmicês estão fazendo uma injustiça. Há um ano que todo dia de manhãzinha eu preparo uma cova bem preparadinha, limpo a cruz bem limpinha...

ODORICO

E depois?

MOLEZA

Depois pego o violão e fico esperando pelo dono. Não vem, eu me deito na cova e durmo.

ODORICO

Dorme! Dorme, enquanto que eu não durmo há meses.

MOLEZA

Porque vosmicê não fica o dia inteiro pensando na morte, como eu; dá uma moleza...

JUJU

(Entra muito excitada.) Dá licença? *(Nota a presença de Moleza.)* Oh, desculpe, pensei que estivesse só...

DOROTÉA

Que é isso, Juju, que aconteceu? **JUJU**

Chegou um telegrama de tia Clotilde!

ODORICO

É particular, Dona Juju?

JUJU

É não. É até sobre o cemitério mesmo, mas...

ODORICO

Então pode falar na frente do nosso coveiro; é pessoa de confiança.

JUJU

O senhor se lembra daquela conversa sobre nosso primo Ernesto, primo em segundo grau?

ODORICO

Que tem seu primo Ernesto, primo em segundo grau?

JUJU

Que tem? Ele vem aí. Chegou um telegrama de Salvador dizendo que ele embarca hoje.

ODORICO

Vem pra cá?

DOROTÉA

O primo Ernesto?

ODORICO

Vai ficar na casa de vocês?

JUJU

Eu não achava muito conveniente... O senhor sabe, somos duas moças solteiras e moramos sozinhas. Mas como não vai ser por muito tempo, se Deus quiser, estou disposta a arriscar a minha reputação pela nossa causa. A menos que o senhor faça questão de hospedar o primeiro em nome da municipalidade.

ODORICO

Eu não, não faço nenhuma questão.

JUJU

Mas com toda a certeza o prefeito vai mandar o carro da prefeitura buscar ele na ponte; por is-so eu vim depressa avisar.

ODORICO

Dona Juju, a senhora me desculpe, mas eu acho que não fica bem. Diga a seu primo que ele é muito bem-vindo, que eu estou aqui às ordens, mas mandar o fordeco da prefeitura buscar ele eu não posso. A senhora não vê que a oposição está de olho em tudo que a gente faz? Vão dizer que é favoritismo, que eu estou gastando a gasolina comprada com o dinheiro do povo em passeios com os meus amigos. Não, a senhora me desculpe, mas o exemplo deve vir de cima. Seu primo vai ter de ir para casa no calcanho.

DOROTÉA

Mas ele não pode!

ODORICO

Não pode? A casa de vocês fica tão perto da ponte!

DOROTÉA

Ele está doente, desenganado pelos médicos!

ODORICO

Desenganado?!

Dirceu entra.

JUJU

Nas últimas! O senhor não se lembra? Eu lhe disse...

ODORICO

Ah, seu primo é aquele que a senhora falou que estava muito mal, em Salvador.

DOROTÉA

Pneumonia galopante, coitado.

JUJU

O senhor me pediu para escrever à família, sugerindo que mandassem ele para cá, que a prefeitura pagava todas as despesas; médicos, remédios, tudo que ele precisasse.

ODORICO

Mas é claro, a prefeitura paga tudo!

JUJU

Eu escrevi e ele veio. Está chegando.

ODORICO

Estamos salvos! Estamos salvos!

DIRCEU

Arrumaram um defunto?

JUJU

Defunto, não; ele ainda está vivo.

ODORICO

Mas morre na certa, não?

JUJU

É o que dizem os médicos.

ODORICO

Está agonizante!

JUJU

É capaz de morrer na viagem.

ODORICO

Morrer na viagem?! Não pode! Tem de morrer aqui! Por que a senhora não me avisou antes?

JUJU

Recebi o telegrama agora.

ODORICO

Eu teria tomado providências, mandando um médico para vir com ele. Morrer durante a viagem, não. Podem mandar o corpo de volta!

MOLEZA

Era o cúmulo da urucubaca.

JUJU

Vamos rezar para que isso não aconteça.

ODORICO

Não, agora não há mais tempo para rezar. O vapor está chegando. *(Para Dirceu:)* Me faça um favor, avise o Vigário. E diga ao maestro Filo que reúna o pessoal da banda e volte a ensaiar a *Marcha fúnebre. (Para Juju:)* Nós vamos receber seu primo com todas as excelências.

JUJU

No carro da Prefeitura?

ODORICO

Oxente, um hóspede importante como ele!

MOLEZA

E eu, seu prefeito, que faço?

ODORICO

Você volta pro cemitério e vai preparando a cova. Capricha que o inquilino vem aí.

QUARTO QUADRO

Em casa das solteironas. Enquanto, no quarto, o primo Ernesto agoniza, na sala Odorico decora a oração fúnebre.

.....

ODORICO

... que fique para sempre gravada nesta lápide... lápide...

Em volta do leito do moribundo, o Vigário, Dorotéa, Juju e Dirceu Borboleta. Dirceu acende a vela que está na mão de Ernesto.

JUJU

Que coisa, hem?... Um homem moço, inteirinho... desperdiçado. Os vermes vão comer...

DOROTÉA

(Lança a Juju um olhar de repreensão.) Juju!

ODORICO

(Na sala.) Que fique pra sempre gravada nesta lápide... o nome desse bandeirante da morte, desse pioneiro do além...

Dorotéa sai do quarto e passa à sala.

ODORICO

Já?!.

DOROTÉA

Continua agonizante.

ODORICO

Três dias já?! Nunca vi tanta vocação pra agonizante. É um agonizantista praticante.

DOROTÉA

Acho que vou pro meu quarto dormir um pouco.

ODORICO

(Chega-se a ela, insinuante.) Tá todo mundo preocupado com o moribundo... a gente podia...

DOROTÉA

Não, Odorico! Hoje, não!... *É* pecado... O primo está morrendo...

DIRCEU

(Entrando na sala.)

Apagou!

ODORICO

Quem?! O primo?

DIRCEU

Não, a vela. Não tenho mais fósforos...

ODORICO

(Dando sua caixa de fósforos.) Toma... Nunca vi defunto pra gastar tanta

vela...

Dirceu volta ao quarto e torna a acender a vela, enquanto Dorotéa sai. Odorico volta a ensaiar o discurso.

ODORICO

Meus concidadãos! Este momento há de ficar para sempre gravado nos anais e menstruais da História de Sucupira!

QUINTO QUADRO

Na prefeitura. Dulcinéa e Dorotéa esperam Odorico.

.....

DULCINÉA

Você acha que devemos dizer a ele toda a verdade?

DOROTÉA

E nossa obrigação, Dudu. Se não denunciarmos, seremos cúmplices. Que horas são?

DULCINÉA

Quase dez horas.

DOROTÉA

O fato é que ele também já está encostando o corpo. No primeiro dia, chegou aqui às seis horas da manhã.

DULCINÉA

Você é injusta, Dó, ele é um homem, não é uma máquina.

Entra Dirceu.

DULCINÉA

(Estranhando.)

Dirceu... Você por aqui?

DIRCEU

Trabalho aqui. Sabia não?

DULCINÉA

Mas você só pega às 11...

DIRCEU

(Um pouco ressabiado.) E você, por que saiu tão cedo?

DULCINÉA

Você estava dormindo, e eu tinha um encontro marcado.

DIRCEU Com quem?

DULCINÉA

Com Dorotéa. Para virmos falar com o prefeito.

DIRCEU

É, eu vi... quer dizer, vi vocês entrarem aqui.

DULCINÉA

Deu agora pra me seguir, é?

DIRCEU

Não, é que essa história de mulher se meter em política. .. Não falo por mal... mas sabe como é esse povo...

DOROTÉA

Ora, seu Dirceu, será possível que o senhor ainda tenha desses preconceitos? Hoje em dia, a mulher é igual ao homem.

DIRCEU

Numa cidade grande, pode ser. Mas aqui... essa gente dá de falar... dá de escrever carta anônima...

DULCINÉA

Carta anônima?

DIRCEU

Quer dizer... podem escrever. Há gente pra tudo... você sabe... estou só

falando... só falando... *(Sai.)* DOROTÉA
Que é que seu marido tem?

DULCINÉA
E eu sei? De uns dias para cá, anda esquisito, desconfiado, deu pra andar me seguindo... nem tem ido caçar borboletas!

DOROTÉA
Por isso é que eu não me caso: ter que dar conta da minha vida a um homem todo dia.

ODORICO
(Entra.)
Bom-dia.

DULCINÉA e DOROTÉA
Bom-dia, senhor prefeito.

ODORICO
Novidades?

DOROTÉA
Algumas...

ODORICO
E o defunto? Quero dizer, o doente, coitado. Faz três meses que chegou e está nessa agonia. A Lira já está cansada de ensaiar a *Marcha fúnebre.* O discurso que escrevi já está fora de época.

DOROTÉA
Senhor prefeito, prepare-se para ter um grande desgosto.

ODORICO
(Adivinhando.)
Quê?! Não me diga que...

DOROTÉA

O primo está completamente restabelecido.

ODORICO

Não é possível! Baixou aqui desenganado pelos médicos!

DULCINÉA

Os médicos...

ODORICO

Veio agonizante. Como é que de-repentemente...

DOROTÉA

O ar da cidade...

DULCINÉA

A água da cidade...

DOROTÉA

O clima da cidade...

DULCINÉA

Está com mais saúde que qualquer um de nós.

ODORICO

Mas isso não é coisa que se faça! Tudo pronto há três meses. *Marcha fúnebre* ensaiada, mandei caiar de novo o muro do cemitério, apagar os palavrões, mandei até buscar um carro fúnebre em Salvador, tanto sacrifício... Eu bem que já desconfiava. Dona Juju desapareceu, há um mês que sumiu. Por isso. Ficou envergonhada do papelão que o semvergonhista do primo fez.

Dorotéa e Dulcinéa trocam um olhar significativo.

DOROTÉA

Ela deve estar escabreada, sim, mas não é só por isso não.

ODORICO
É não?

DOROTÉA
A verdade é que Juju nos traiu.

ODORICO
Traiu como?

DOROTÉA
Claro, não foi só o ar da cidade.

DULCINÉA
A água da cidade.

DOROTÉA
O clima da cidade.
ODORICO
Que foi mais?

Entra Juju. Operou-se nela uma transformação surpreendente: seu rosto tem um ar de gozo permanente, embora dissimulado por um certo sentimento de culpa; vê-se logo, porém, que ela realizou-se como mulher. Nota-se também que está um pouco mais gorda.

DULCINÉA
Veja o senhor mesmo.

DOROTÉA
Aí está ela. A traidora.

ODORICO
(Investe para Juju acusadoramente.) Dona Judicéa, eu estou deverasmente bestificado... (Interrompe a frase quando a vê fazer um sinal para alguém que está fora.) ***JUJU***
Entre, Netinho, pode entrar. Tenha acanhamento não.

Entra Ernesto. Alto, forte, rosado, sua aparência é escandalosamente saudável.

ERNESTO
Com licença.

JUJU
Coronel Odorico, eu queria apresentar... meu primo Ernesto.

ERNESTO
(Aperta a mão de Odorico com vigor.)
Prazer.

JUJU

Dorotéa e Dulcinéa já devem ter dito ao senhor... Ele ficou bom.

ODORICO
Está-se vendo.

JUJU
Ninguém acreditava, nem os médicos. Mas ele foi melhorando, melhorando...

ODORICO
E deu nisso.

JUJU
Parece um milagre.

ERNESTO
O ar da cidade.

JUJU
A água.

ERNESTO

O clima. Ser prefeito de uma cidade como esta deve ser uma felicidade. O senhor está de parabéns.

ODORICO

(Está a ponto de estourar.)

Muito obrigado.

ERNESTO

Quando chegar em Salvador vou fazer uma propaganda danada disso aqui. E do senhor também. É a única maneira que eu tenho de pagar o que o senhor fez por mim. (*Abraça Juju carinhosamente.)* Por nós.

Juju corresponde ao olhar apaixonado de Ernesto ante a indignação de Dulcinéa e Dorotéa.

ERNESTO

A verdade é que ninguém no mundo teria feito o que o senhor fez, assim desinteressadamente.

JUJU

O coronel Odorico é um homem de grande coração. Quando soube do seu estado ficou tão aflito! Botou logo todos os recursos do município à disposição.

ODORICO

Todos. E se, por infelicidade, o senhor não se curasse, já estava tudo preparado: enterro de primeira classe, com banda de música e carro fúnebre, tudo pago pela municipalidade.

ERNESTO

Já estava preparado?

ODORICO

Nós aqui somos previdentes, seu Ernesto.

ERNESTO

De qualquer maneira, eu lhe agradeço; embora não tenha sido preciso, felizmente.

ODORICO

Sim, felizmente.

JUJU

(Preocupada com o rumo da conversa.) Vamos pra casa, Netinho.

ERNESTO

Que é? Está sentindo alguma coisa? Tonturas de novo? Ela desde ontem que está com tonturas.

Dorotéa, Dulcinéa e Odorico trocam olhares significativos.

ODORICO

Espero que não ponham a culpa disso também no ar da cidade...

DULCINÉA

Na água da cidade.

DOROTÉA

No clima da cidade.

Juju e Ernesto saem.

ODORICO

E ele veio com a condição de morrer aqui! Falta de palavra!...

DOROTÉA

Isso é uma indecência. Nunca pensei que Juju viesse um dia a ter um procedimento tão revoltante.

ODORICO

Agora até mesmo os meus correligionários começam a me trair. Já nem sei mais com quem devo contar.

DULCINÉA

O Senhor sabe que pode contar com a nossa solidariedade.

ODORICO

Eu não preciso de solidariedade, Dona Dulcinéa, preciso de um defunto. Um defunto! Também, uma terra onde não há crimes, não há desastres... Há não sei quantos anos que não há um assassinato.

DULCINÉA

Deve ser atraso... subdesenvolvimento.

ODORICO

Ontem fui visitar a cadeia. Nas celas, onde devia prender criminosos, o delegado cria galinhas, até papagaio. Só havia um preso: um jegue.

DULCINÉA

O jegue que deu um coice no filho do Zé Peixeiro. Foi julgado e condenado a seis meses de prisão.

ODORICO

Se ao menos o coice tivesse pegado de jeito, a gente já estava hoje com o cemitério inaugurado.

DULCINÉA

Não, só deu para aleijar.

ODORICO

O mal desta terra é que todo mundo é bom, pacato. Esse pacatismo é a nossa desgraça. Talvez seja a água... ou o azeite-de-dendê... deve ter alguma substância calmante, sei lá. O fato é que ninguém mata, ninguém morre e nós estamos há mais de um ano esperando um defunto para inaugurar o cemitério.

MESTRE AMBRÓSIO

(Surge na porta.)

Vosmecês dão licença?

ODORICO

Mestre Ambrósio.

MESTRE AMBRÓSIO

Se o doutor tá ocupado, eu volto mais logo.

ODORICO

Não, não, pode se chegar.

MESTRE AMBRÓSIO

Tou vindo do Norte.

ODORICO

Fez boa viagem?

MESTRE AMBRÓSIO

Peguei um temporalzinho na volta. Vim de Maceió até aqui com um nordeste brabo. Mas, com a graça de Nosso Penhor, chegamos bem. O homem veio comigo.

ODORICO

(Vivamente interessado.)

Veio?

MESTRE AMBRÓSIO

Deu um trabalho danado pra convencer o bicho. Tava desconfiado, pensando que era uma arapuca. Me disse quando cheguei lá: "Caio nessa patota não, seu mestre. Os macacos devem estar me esperando". Dei a minha palavra, jurei — olhe que eu sou compadre dele —, não adiantou. Só quando mostrei a carta do prefeito e que ele deu a uma pessoa de confiança pra ler foi que a coisa começou a melhorar.

ODORICO

(Impaciente.)

Bem, mas... ele acabou vindo.

MESTRE AMBRÓSIO

Tá aí fora. Vim saber primeiro se vosmincê quer falar com ele.

ODORICO

Quero, sim. Vá buscar o homem.

MESTRE AMBRÓSIO

Volto já.

(Sai.)

ODORICO

Agora, sim. Vamos resolver o nosso problema. Temos o homem de que precisamos.

DOROTÉA

Que homem?

ODORICO

O homem que vai dar a esta cidade o que está faltando a ela. Eu já estava cansado de esperar pela morte do primo Ernesto. Decidi pôr em prática um outro plano, para o caso desse falhar.

DULCINÉA

Será que o senhor mandou buscar outro doente?

ODORICO

Nada disso. Nem doente, nem defunto. O que mandei buscar foi um fazedor de defuntos.

DOROTÉA

Fazedor de defuntos?

ODORICO

Pelo menos tem fama disso. Dizem que já fez mais de trezentos.

DULCINÉA

Um bandido?

DOROTÉA

Um cangaceiro?

ODORICO

Zeca Diabo, o terror do Nordeste.

DOROTÉA e DULCINÉA

Zeca Diabo?!

DULCINÉA

Um assassino que mata velho e crianças!

DOROTÉA

Que não respeita nem moça donzela!

ODORICO

Fique tranqüila, Dona Dorotéa, pela honra das donzelas juramentadas de Sucupira respondo eu. Zeca Diabo não vai tocar em nenhuma delas... não-obstantemente isso vá ser uma deceptude pra algumas...

Entra Mestre Ambrósio seguido de Zeca Diabo. Este tem o olhar desconfiado, gestos lentos, como cobra sempre preparada para dar o bote. Veste um terno de brim claro, sandálias de couro cru e chapéu de vaqueiro. Mas, à primeira vista, não justifica o medo que inspira. Fala macio, delicado, e sua voz adocicada está em completo contraste com a lenda.

MESTRE AMBRÓSIO

Tá aqui o homem, seu prefeito.

ODORICO

Capitão Zeca Diabo, seja bem-vindo. Já conheço o senhor, de fama. Sei que

nasceu aqui e foi obrigado a sair por motivos... motivos que não vêm ao caso. Por isso, mandei Mestre Ambrósio convidar o senhor para voltar. Como prefeito, não posso admitir que um cidadão de nossa terra esteja proibido de retornar a ela.

ZECA DIABO

*(Lançando um olhar desconfiado a Dorotéa **e** Dulcinéa.)*

Rabo-de-saia.

ODORICO

(Para as mulheres, constrangido.)

Esperem na outra sala.

Saem Dorotéa e Dulcinéa.

ZECA

Agora sim. Seu Dotô-Coroné-Prefeito pode dizer o que quer de mim.

ODORICO

Quero nada. Quero só que volte a morar aqui, na sua terra natal. Um dos principalmente de minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana.

ZECA

Vosmincê sabe que eu saí daqui?

ODORICO

Sei. Parece que o senhor teve um desaguisado com o finado Coronel Lidário... Mas o acontecido pratrasmente não conta. O que vale é o que o cidadão possa fazer prafrentemente.

ZECA

Coroné Lidário mandou surrar um irmão meu, um menor de catorze anos. O cometa tinha roubado um cavalo. Surraram ele até matar.

MESTRE AMBRÓSIO

Seu prefeito sabe disso. Sabe que você vingou seu irmão.

ZECA

Liquidei toda a raça do coronel. Ele, a mulher, três filhos e a sogra de quebra.

ODORICO

Seis cadáveres. Seis enterros. Tempos de fartura!

ZECA

Fugi pra não ser preso.

ODORICO

Mas agora pode ficar tranqüilo. Ninguém vai incomodar o senhor nem por esse nem por qualquer outro motivo... E se incomodarem, reaja. Não é preciso exagerar, mas reaja, que é disso que precisamos: alguém com sangue nas veias.

MESTRE AMBRÓSIO

Seu prefeito é um homem justo. Sabe que você era um homem bom, se matou foi pra fazer justiça. Mas se tudo for esquecido, como seu prefeito prometeu, você vai voltar a ser o homem bom e pacato de antigamente.

ODORICO

Também não há necessidade de tanta pacatice. Homem que leva desaforo pra casa não é homem.

ZECA

E honra só se lava com sangue.

ODORICO

Isso, sangue!

ZECA

Não sou o que dizem por aí, seu dotô. Nunca fiz mal a uma donzela. Meu Padim Pade Ciço, que tá lá em cima acocadinho do lado direito de Deus Nosso Sinhô, sabe que até hoje só matei em defesa da honra ou da vida.

ODORICO

Dizem que foram mais de trezentos; é verdade?

ZECA

Maledicência, seu dotô. Não chegou nem à terça-parte. E a maioria morreu porque tava no caminho da bala, não que eu quisesse, que eu nunca quis matar ninguém. Não se falando da raça do Coroné Lidário. Dessa, se eu soubesse que ainda restava algum, mesmo parente distante, pode crer que eu ia buscar nem que fosse no inferno, debaixo do penico de Satanás.

ODORICO

Será que não resta mesmo?...

ZECA

Resta não, tenho certeza.

ODORICO

Olhe aqui, Capitão Zeca Diabo, eu tive uma idéia. O senhor é um homem com tanto espírito de justiça, que eu vou lhe dar uma prova de confiança. Pra que o senhor se sinta perfeitamente tranqüilo e à vontade nesta terra, vou nomear o senhor para um alto posto da administração municipal.

ZECA

Seu dotô tá falando sério?

ODORICO

Nunca falei tão sério em minha vida! Conheço os homens, Capitão. E tenho certeza de que o senhor não vai me causar deceptude.

ZECA

Vou não. Se vosmincê me der essa oportunidade de me reabilitar, pode crer que tem um amigo pra toda a vida. E quando Zeca Diabo é amigo, é amigo mesmo.

ODORICO

Pois muito bem. De hoje em diante, Capitão Zeca Diabo, o senhor vai ser

meu delegado.

ZECA

Delegado? Delegado de polícia?

ODORICO

Com carta branca pra sacudir a marreta.

ZECA

E vou ter que me vestir de macaco?

MESTRE AMBRÓSIO

Não, homem, delegado não veste farda.

ZECA

Ah, bom, se não precisa vestir farda de macaco, vosmincê pode contar comigo.

ODORICO

Vou falar com o governador pra demitir o delegado atual, que é um inútil, não prende ninguém, e o senhor assume o posto.

MESTRE AMBRÓSIO

Também, prender quem? Está é uma terra que não dá ladrão.

ODORICO

Dá coisa pior. *(Apanha um jornal.)* O senhor sabe ler?

ZECA

De carreirinha, não, mas soletrando, vai.

ODORICO

Pois eu quero que depois o senhor soletre esta gazeta de ponta a ponta. Neco Pedreira o senhor conhece?

ZECA

Conheço não sinhô.

ODORICO

É o dono do jornal. Elemento perigoso. Sua primeira missão como delegado é dar uma batida na redação dessa gazeta subversiva e sacudir a marreta em nome da lei e da democracia. Sabe onde é a redação?

ZECA

Pode deixar por minha conta. Amanhã mesmo vou tratar do causo.

ODORICO

Se quiser, pode levar toda a Força Pública.

ZECA

Força Pública?

ODORICO

Um cabo e dois meganhas.

ZECA

Não, eu sozinho dou conta do recado.

ODORICO

(Estende a mão a Zeca Diabo.)
Confio no senhor.

ZECA

Não vou lhe dar desgosto.

Saem Zeca Diabo e Mestre Ambrósio. Entram Dorotéa e Dulcinéa logo a seguir.

ODORICO

As senhoras ouviram?

DULCINÉA

Tudo.

DOROTÉA

O senhor perdeu a cabeça?

DULCINÉA

Fazer de um cangaceiro um delegado!

DOROTÉA

Quando a oposição souber!

DULCINÉA

Que prato pra Neco Pedreira!

ODORICO

E tomara que Neco se sirva bem dele. Tomara que chame Zeca Diabo de cangaceiro, assassino, quanto mais xingar, melhor.

DOROTÉA

O senhor não acha que se excedeu?

ODORICO

Em política, Dona Dorotéa, os finalmentes justificam os não-obstantes.

SEXTO QUADRO

Prefeitura. Dias após. Odorico, na janela, olha com a ajuda de um binóculo.
.....

DULCINÉA
É mesmo verdade?

ODORICO
Verdade o quê?

DULCINÉA
Estão dizendo que o cangaceiro invadiu a redação d'*A Trombeta.*

ODORICO
Não se refira assim ao delegado. É um homem decente, que quer impor ordem na cidade, coibir abusos.

DULCINÉA
E foi logo invadindo *A Trombeta.*

ODORICO
Não mandei Maneco botar na primeira página: "Odorico nomeia cangaceiro". *(Pega um jornal e lê.)* "Assassino sanguinário, vergonha da espécie humana é o novo delegado de Sucupira." Agora agüenta o repuxo.

DULCINÉA
Dizem que faz mais de três horas que ele entrou na redação e até agora não saiu.

ODORICO
É, desde de manhã.

DULCINÉA

Que está acontecendo? Por que aquela gente toda defronte da gazeta?

ODORICO

Não vejo nada Parece que encostaram a janela que dá pra rua.

DULCINÉA

Quem viu diz que o delegado parecia uma fera, com a gazeta na mão, espumando de raiva, dizendo que ia fazer Neco engolir a gazeta pedacinho a pedacinho.

ODORICO

Então é isso. Está explicado a demora. Zeca Diabo está obrigando Neco Pedreira a engolir o que escreveu. Mas isso só não resolve.

DULCINÉA

Não resolve?

ODORICO

Não, isso pode dar uma dor de barriga naquele gazetista, nada mais.

Ouvem-se dois tiros, distantes.

DULCINÉA

Tiros!

ODORICO

(Assesta o binóculo.)

Agora sim, que começou o fuzuê.

DULCINÉA

Começou... ou terminou ?

ODORICO

Sim, é mais provável que tenha terminado. Zeca Diabo esperou Neco engolir a última letra do artigo e botou um ponto final.

DULCINÉA

Tenho medo.

ODORICO

Medo de quê?

DULCINÉA

Muita gente gosta de Neco Pedreira. E morrendo assim vai virar mártir.

ODORICO

Tem importância não! Despacho Zeca Diabo daqui e faço o enterro de Neco com todas as honras. Faço até discurso na beira da cova.

DULCINÉA

Talvez não dê tempo de Zeca Diabo fugir. O povo pode se enfurecer.

ODORICO

Melhor, assim teremos dois defuntos para inaugurar o cemitério. Ninguém mais vai dizer que é coisa inútil, que eu esbanjo dinheiro do povo. E a oposição perde duas vezes: perde Neco Pedreira e perde o assunto.

NECO

(Entrando.)

Ainda não vai ser desta vez, Odorico.

ODORICO

(Volta-se surpreso.)

Você... então...

DULCINÉA

Ele... ele matou Zeca Diabo!

ODORICO

Não é possível!

NECO

(Ri.)

Também servia, não é, Odorico? O que você quer, afinal, é um defunto, não faz questão da qualidade.

ODORICO

Que brincadeira é essa? Veio aqui pra mangar de mim?

NECO

Vim não, pelo contrário. Vim lhe dar a honra de ser o primeiro a ler a gazeta de amanhã. Trouxe a primeira prova, saída da máquina agora, fresquinha pra você. *(Entrega o jornal a Odorico.)* ODORICO

(Lê.)

"A Vida de Zeca Diabo contada por ele mesmo. De cangaceiro a delegado. Exclusividade de *A Trombeta."* Que história é essa?

NECO

Muito simples: Zeca Diabo é agora meu colaborador. Comprei os direitos da vida dele, cada dia sairá um capítulo.

ODORICO

Você não pode fazer isso.

NECO

E por que não? Sou um jornalista. E Zeca Diabo é notícia. Vai ver como vou vender jornal. Graças a você. Nunca esquecerei essa ajuda fraternal. Creio, aliás, que estou prestando um serviço à municipalidade, publicando a biografia de um dos seus filhos mais ilustres.

ODORICO

Onde está essa besta?

NECO

Você se refere ao delegado? Ficou lá tirando fotografias para ilustrar os próximos capítulos.

DULCINÉA

E os tiros?

NECO

É que eu pedi um retrato de trabuco na mão. E ele resolveu dar uns tiros pela janela, pro retrato ficar mais realista. Que foi que imaginaram? Que tinha havido um assassinato? *(Ri)* Eu e o Capitão Zeca Diabo nos entendemos muito bem.

Entra Zeca Diabo lendo um jornal.

NECO

É ou não é, capitão?

ZECA

O quê?

NECO

(Pousando o braço no ombro de Zeca Diabo.) O prefeito não acredita que a ordem e a imprensa possam ser boas amigas.

ODORICO

O que eu não acredito é que Capitão Zeca Diabo tenha consentido nessa infâmia.

ZECA

Infâmia por quê, seu prefeito? O que o moço tá escrevendo da minha vida é pura verdade, fui eu que contei a ele. E nunca pensei que ficasse tão bonito.

NECO

Lamento é não ser poeta, Capitão, sua vida é pra ser cantada em versos.

ZECA

Modéstia à parte, já foi, numa beleza de a-bê-cê.

(Declama:)

Agora vou eu falar, adisculpe a pretensão, de um cabra que foi maior bem maior que Lampião, seu nome é Zeca Diabo, o terror deste sertão.

ODORICO

Seu Neco, se o senhor não se ofender, eu queria ter uma prosa de pé-de-ouvido com o delegado.

NECO

Ora, à vontade, Odorico. Tenho mesmo que voltar à redação.

ZECA

Quando ficam prontos aqueles retratos?

NECO

Mais logo.

ZECA

Mais logo eu passo lá.

NECO

Passe, passe, que assim nós aproveitamos e já escrevemos o segundo capítulo. *(Volta-se da porta:)* Ah, uma informação somente, senhor prefeito, para satisfazer a curiosidade de centenas de leitores: quando será inaugurado o cemitério?

ODORICO

Tanto a imprensa sadia quanto a doentia serão informadas com antecedência.

NECO

Obrigado.

(Sai.)

ODORICO

Capitão Zeca Diabo, não estou entendendo.

ZECA

É que o moço escreve meio floreado.

ODORICO

É isso não. O que eu não entendo é o seu procedimento. O senhor sai daqui pra sacudir a marreta nesse filho duma égua e volta abraçado com ele?

ZECA

É que não havia razão pra sacudir a marreta, seu dotô.

ODORICO

Como não havia? Não leu o que ele escreveu ontem de nós?

ZECA

Tá no seu direito.

ODORICO

Que direito?

ZECA

Direito que a lei garante. E eu, como representante da lei...

ODORICO

Que história é essa, capitão? Então o senhor é representante da lei contra mim?

ZECA

Seu dotô, como delegado eu tenho que ser justo. Fui lá mesmo com gana de fazer o moço engolir o que disse. Mas ele me fez sentar e conversar. Me mostrou a lei que garante a ele dizer o que quiser. Lei feita pelos deputados,

não sei se vosmincê conhece.

ODORICO

Claro que conheço. A lei diz que cada um tem a liberdade de dizer e escrever o que quiser; mas diz também que nós temos o direito de sacudir a marreta quando alguém escrever contra nós.

ZECA

Isto não está na lei que o moço me mostrou.

ODORICO

Porque o senhor não leu tudo com atenção.

ZECA

Não li, mas fiz ele ler pra mim.

ODORICO

E além do mais, capitão, eu não estou precisando aqui de um doutor em leis. Estou precisando de um homem decidido, de pouca conversa, um homem de ação. Pela sua fama, pensei que esse homem fosse o senhor. Me disseram que o senhor tinha despachado trezentos; mas estou vendo que o senhor não é de despachar ninguém.

ZECA

Fui, seu dotô, agora tou regenerado.

ODORICO

Não podia esperar um pouco?

ZECA

Podia não. Eu não agüentava mais aquela vida, sempre fugindo dos macacos, matando pra viver, matando pra não morrer. Tava cansado, seu dotô. Ontem fui tomar a bênção do Seu Vigário e prometi a ele ser um homem de bem, como já tinha prometido a meu Padim Pade Ciço.

ODORICO

Sabe o que eu acho? Que o senhor virou pamonha.

ZECA

(Sente a ofensa.)

Não fale assim comigo, seu Dotô-Coroné-Prefeito.

ODORICO

Pra que foi que eu acoitei o senhor aqui, me arriscando, arriscando meu cargo? Foi pro senhor vir dar essa de Madalena arrependida?

Zeca se contém a custo.

ZECA

Seu Dotô-Coroné-Prefeito não fale assim comigo que eu posso esquecer o respeito e a estima que tenho pelo senhor.

ODORICO

O senhor, capitão, não é de nada! Como matador, o senhor é a vergonha da classe!

Zeca Diabo sente o sangue subir à cabeça, agarra Odorico pela gola do paletó.

ZECA

Chega, seu Coroné, chega!

(Saca do revólver.) Dulcinéa corre para um canto, apavorada, sem fala.

ZECA

Eu prometi a meu Padim contar até dez antes de matar um home... É um... é dois... é três, é quatro, é cinco... é seis, é sete... me açode aqui, meu Padim!... é oito, é nove, é dez!

Zeca Diabo se acalma, solta Odorico, que está quase desmaiando, suando frio. Zeca ergue os olhos para o alto.

ZECA

'brigado, meu Padim... 'brigado por tê segurado meu braço e impedido de quebrá meu juramento. *(Guarda o revólver e sai.) Dulcinéa corre em socorro de Odorico.*

DULCINÉA

Odorico!... Você tá bem?

ODORICO

(Procurando se refazer do susto.)

Estou...

DULCINÉA

Pensei que ele fosse matar você! O pai do meu filho!

ODORICO

Filho?!

DULCINÉA

É... Vim pra te dizer isso... Desta vez tenho certeza!

ODORICO

Mas isso é hora de dar uma notícia dessas!...

DULCINÉA

Desculpe...

ODORICO

Já não basta a decepção que acabo de ter... Dei a mão a esse homem, perdoei os crimes que ele cometeu, fiz ele meu delegado... e ele se junta com Neco Pedreira pra me desmoralizar.

DULCINÉA

Isso de Neco escrever uma novela da vida dele...

ODORICO

Isso eu não posso deixar. Nem que tenha de entrar em acordo com aquele gazetista patifento. Vamos ver o que é que ele quer pra parar com isso.

DULCINÉA

Então é preciso andar depressa, antes que ele imprima os jornais.

ODORICO

Você podia me fazer esse favor, ir à redação e pedir a esse badernista pra vir cá. Sei que ele sempre teve uma certa queda por você...

DULCINÉA

Mas eu nunca lhe dei confiança. E só vou lá por sua causa.

DORICO

Então, vá. Faça isso por mim.

DULCINÉA

Só que Dirceu está me esperando... Marquei encontro com ele aqui. Ele anda muito desconfiado...

ODORICO

De quê?! Do seu estado?...

DULCINÉA

Não! Se ele souber disso, é capaz de me matar. Ele fez voto de castidade, sabia?

ODORICO

Ele me disse. Depois a gente cuida disso.

DULCINÉA

Está bem.

(Sai.)

ODORICO

(Apanha o jornal que Neco deixou e lê.) "Zeca Diabo já fez perto de trezentos defuntos; Odorico tem esperança de que ele faça alguns para inaugurar o seu cemitério." (Amarrota o jornal, furioso, e atira-o ao chão, no momento em que Dirceu entra) ***DIRCEU***

Com licença, seu prefeito?

ODORICO

Ah, pode entrar.

DIRCEU

Minha mulher esteve aqui?

ODORICO

Mandou você esperar. Esse Neco Pedreira é um cachorro.

DIRCEU

Onde ela foi?

ODORICO

Foi atrás dele.

DIRCEU

Atrás de Neco?

ODORICO

É, na redação *d'A Trombeta.*

DIRCEU

Minha senhora com Neco, na redação *d'A Trombeta...* senhor não está enganado?

ODORICO

Enganado por quê?

DIRCEU

O senhor não está querendo insinuar... Não, com certeza o senhor não disse com essa intenção... Eu é que ando cismado. Essas cartas anônimas....

ODORICO

Cartas anônimas?

DIRCEU

É... já recebi três.

ODORICO

Falando de Dona Dulcinéa?

DIRCEU

A princípio, eu não liguei. Sempre confiei nela. Mas agora... toda semana chega uma carta...

Eu já não sei o que pensar...

ODORICO

E... essas cartas falam também... de outra pessoa?

DIRCEU

Não. E foi por isso que quando o senhor disse que ela estava atrás de Neco Pedreira... A maneira como o senhor falou...

ODORICO

(Calculadamente, resolve reforçar a desconfiança de Dirceu) Bem, você me desculpe, eu falei sem pensar. Não quero mesmo me meter nessa história.

DIRCEU

Que história, seu prefeito?

ODORICO

Sei não. De minha boca você não arranca uma palavra. Pergunte a outra pessoa qualquer. A cidade inteira sabe.

DIRCEU

A cidade inteira?!

ODORICO

É, me admira até que você... Bem, eu não disse nada.

DIRCEU

Não disse, mas vai fazer o favor de dizer.

ODORICO

Você compreende, é muito desagradável. Dona Dulcinéa é minha correligionária... Isto, aliás, é que torna a questão ainda mais delicada. Sabe, Neco é nosso inimigo político; é uma dupla traição.

DIRCEU

Dupla traição.

ODORICO

Mas não pense que é ela a culpada. Não, é ele, ele é a persegue. Ela bem que resistiu, a princípio, mas...

DIRCEU

Mas?

ODORICO

Eu só estou lhe dizendo isso porque já é um caso público. Mais cedo ou mais tarde você ia saber.

DIRCEU

Caso público. Por isso me mandaram esta carta anteontem. *(Tira uma carta do bolso, lê.)* "Seu pamonha, mulher só se mete em política quando tem falta de homem na cama. Veja se contenta a sua, antes que outros tratem disso." Não tem assinatura.

ODORICO

Eu não estou dizendo? Caiu na boca do povo.

DIRCEU

E o pior não é isso...

(Tira do bolso outro envelope.)

ODORICO

Outra carta anônima?

DIRCEU

Não... um teste de gravidez.

ODORICO

Eu imagino seu sofrimento. É duro um golpe desses, *é* duro. Mas você não tem que ficar assim nesse desconsolo. Tem é que reagir, como homem.

DIRCEU

O senhor disse que ela está com ele agora, na redação d'*A Trombeta?*

ODORICO

Está, tenho certeza.

DIRCEU

Vou lá.

ODORICO

Espere. Tenha calma. Eu sei que numa hora dessas não adianta dar conselhos. Se eu estivesse no seu lugar também perdia a cabeça e passava fogo nesse destruidor de lares. Mas é que a coisa talvez pudesse ser resolvida sem morte. Já sei o que você vai dizer, que é uma questão de honra. E honra só se lava com sangue. Está bem. Vá e resolva. O que puder fazer depois para lhe dar fuga, pode ficar certo de que farei. *(Estende a mão a Dirceu.)* Você está armado?

DIRCEU

Estou não.

ODORICO

(Apanha um revólver.)

Tome. Só lhe peço que devolva depois de usar, porque é uma arma de estimação.

DIRCEU

Está bem... eu... de qualquer maneira... Minha Nossa senhora *(Sai bruscamente, atordoado, e esbarra em Dorotéa, que entra.)*

DOROTÉA

Caçando borboletas com revólver?

ODORICO
Não, a mulher.

DOROTÉA
Dulcinéa?!

ODORICO
Andaram enchendo a cabeça do coitado...

DOROTÉA
Contra o senhor?

ODORICO
Não, ele sabe que eu não misturo política com safadagem. Veio se aconselhar. Eu procurei botar uns panos quentes. Mas o homenzinho está zoró. É capaz de fazer uma besteira.

DOROTÉA
Não entendo é com quem minha irmã...

ODORICO
A senhora vai ficar de queixo caído quando souber.

DOROTÉA
Quem?

ODORICO
Neco Pedreira.

DOROTÉA
Não pode ser!

ODORICO
Também acho que a suspeita é desprocedente. Mas ele diz que tem

provas.

DOROTÉA

Espantoso!

ODORICO

Mas é bem feito. Homem que passa a vida caçando borboletas, a mulher acaba caçando homem.

DOROTÉA

Coronel!

ODORICO

Desculpe.

Ouvem-se seis tiros.

ODORICO

(Contando os tiros.)

Três... quatro... cinco... seis. Que exagero!

DOROTÉA

Será que foi ele?!

ODORICO

(Corre até a janela.)

Foi ele sim. Veja quanta gente está correndo para a redação do jornal.

DOROTÉA

E lá vem ele correndo como um louco. Parece que vem pra cá!

ODORICO

Ele deve ter boa pontaria, a senhora não acha? É caçador. ..

DOROTÉA

Caçador de borboletas.

ODORICO

Sim, é verdade. Mas seis tiros, não é possível que tenha errado todos. Um ao menos deve ter acertado.

DIRCEU

(Entra, correndo, transtornado, sem óculos, com o revólver.) Me escondam! Querem me linchar!

ODORICO

Espere, conte primeiro, que aconteceu?

DIRCEU

Não sei... os óculos caíram na hora... a vista escureceu... não vi nada... mas acho que matei!

DOROTÉA

Matou quem?

ODORICO

Neco Pedreira? Aquele ativista dos maus costumes?

DIRCEU

Sei não... Me esconda! Eles querem me pegar!

ODORICO

Vá por aqui e saia pelos fundos. Pule o muro que dá pro quintal da igreja. Fale com o Vigário que fui eu que mandei. Que ele esconda você lá.

DIRCEU

E se ele não quiser?

ODORICO

Diga que você acaba de prestar um grande serviço à municipalidade. Espere, o revólver... *(Toma o revólver.) Ouvem-se vozes: "Pegai Ele entrou na prefeitura! Matou a mulher!"*

DIRCEU

(*Sai correndo, volta.)* Olhe, se alguma coisa me acontecer, a minha coleção de borboletas fica para a prefeitura. *(Sai correndo.)* ODORICO

Agradeço, em nome do município.

As vozes aumentam em quantidade e volume.

ZECA DIABO

(Entra.)

Entrou aqui um cabra espavorido?...

ODORICO

Por quê?

ZECA

Ele deu seis tiros numa dona.

DOROTÉA

Minha irmã!

ODORICO

Matou?

ZECA

Se matou? A dona ficou que nem palheiro.

ODORICO

E o senhor, como delegado, que faz que não prende o assassino?

ZECA

Tou no piso dele. Diz que entrou aqui.

ODORICO

Vi não. Mas se entrou, só pode ter saído por ali, pulado o muro do quintal

e se escondido na igreja.

ZECA

Deixe ele comigo.

(Sai de revólver em punho.)

DOROTÉA

O senhor fez bem em delatar. É monstruoso o que ele fez!

ODORICO

E ela, afinal de contas, além de sua irmã era nossa companheira de lutas. *(Arruma-se para sair. Tem um ar triunfante.)* Vamos, quero ver o cadáver.

SÉTIMO QUADRO

No dia seguinte, à tarde. Vê-se uma parte do caixão, que se acha exposto à visitação na sala ao lado. Vigário, Juju, Ernesto, Moleza, Dermeval, a Velha Beata, entre outros populares, fazem a sentinela.
.....

MOLEZA
Seis tiros mesmo?

DERMEVAL
Seis.

MOLEZA
Oxente, nunca pensei que Dirceu Borboleta fosse capaz de dar um tiro, quanto mais meia dúzia.

JUJU
Um rapaz tão delicado.

MOLEZA
Vivia caçando borboletas...

DERMEVAL
Deve ter endoidecido.

ERNESTO
Juju, você não devia ficar tanto tempo aqui. Pode lhe fazer mal.

JUJU
Não, quero ficar.

VELHA
(Ergue um pouco a voz, em meio a uma oração.) ... pelas chagas de Cristo... (Continua, sussurrando.)

Entra Neco Pedreira, vai até a beira do caixão, olha demoradamente. Ao vê-lo, Juju cutuca Ernesto. Todos se entreolham, como se a presença de Neco junto à defunta fosse algo pornográfico.

JUJU

É muita coragem ainda vir aqui, depois de tudo.

ERNESTO

Cala a boca.

JUJU

A cidade inteira sabe que Dirceu encontrou ela nos braços dele!

NECO

Onde está Odorico?

VIGÁRIO

Por aí, tratando dos preparativos do enterro.

NECO

Hoje é dia de festa para ele. Vai, enfim, inaugurar o cemitério.

VIGÁRIO

Graças ao senhor.

NECO

Isso é que dá mais raiva: eu fui uma das pedras do jogo. Justiça seja feita, Odorico é um grande jogador.

VIGÁRIO

Que está insinuando?

NECO

Fui à cadeia falar com Dirceu, não me deixaram. Está incomunicável. Essa aí nunca mais vai falar...

VIGÁRIO

Que é que você queria falar com Dirceu?

NECO

Odorico sabe. Pode ser que eu me engane, mas tenho um pressentimento de que ele sabe. Tanto que deu ordem para não deixarem.

Entra Dorotéa. Ao passar por Neco tem um olhar de extrema curiosidade, como se o visse pela primeira vez, e vai reunir-se ao grupo que vela a defunta.

NECO

As mulheres devem estar me achando hoje o homem mais fascinante da cidade.

VIGÁRIO

Pelo menos não há nenhum outro que desperte idéias tão obscenas.

NECO

Por isso mesmo.

DOROTÉA

(Junto ao caixão.) É incrível esse homem!...

JUJU

(Idem.)

Tio Hilário?...

DOROTÉA

Mandei um portador à fazenda dele. Deve estar chegando.

VELHA

(Elevando a voz, no meio de uma oração, como uma censura.) ... rogai por nós, pecadores... (Continua num sussurro.)

Entram Mestre Ambrósio e Zelão, descobrem-se, respeitosamente, e acercam-se do caixão.

NECO

Há cinco anos que faço jornal e é a primeira vez que acontece alguma coisa que merece ser noticiada.

VIGÁRIO

Você vai noticiar?

NECO

Não noticiar é uma confissão de culpa.

MESTRE AMBRÓSIO

(Junto ao caixão.) Tenho sessenta anos, com a graça de Deus, e posso garantir que aqui nunca houve coisa igual. A não ser quando Zeca Diabo liquidou com a raça do Coronel Lidário. Assim mesmo deu só um tiro em cada um.

ZELÃO

(Idem.)

Isso é crime de cidade grande.

MOLEZA

(Idem.)

Prova de que nós tamos crescendo. Tamos virando metrópole.

Ouve-se a banda de música ensaiando a Marcha fúnebre de Chopin.

MOLEZA

A banda já tá aí.

NECO

A banda e toda a população da cidade. Até o comércio fechou. Odorico decretou feriado municipal. E se fosse verdade o que dizem por aí, seria o único feriado no mundo que comemora um adultério. *(Sai.) Dermeval e Mestre Ambrósio se afastam do caixão.*

MESTRE AMBRÓSIO

Veio prevenido, meu camarada?

DERMEVAL

Ora...

(Passa a Mestre Ambrósio uma pequena garrafa-Mestre Ambrósio, disfarçadamente, toma um trago.) Entra Odorico. Veste um terno preto bastante apropriado à ocasião.

ODORICO

É incrível essa banda há quase dois anos que ensaia a *Marcha fúnebre* e ainda desafina.

MOLEZA

(Vem ao encontro de Odorico.) Seu prefeito...

ODORICO

Que é que você está fazendo aqui, seu Moleza? O enterro está pra sair, seu lugar é no cemitério.

MOLEZA

Vim só fazer um pouco de sentinela.

ODORICO

Vá fazer uma sentinela junto da cova. Vá ver se está tudo em ordem. A semana passada passei por lá e vi um jegue pastando.

MOLEZA

Era o jegue do Melchior. Ele pediu, não sabe?

ODORICO

Nem Melchior, nem meio Melchior. Aquilo é um cemitério, um campo-santo.

MOLEZA

É que até agora estava sem serventia.

ODORICO

Sem serventia! Me admira o senhor, o coveiro, dizer uma coisa dessas. E justamente quando vai ficar provado o cemitério era a obra mais urgente desta cidade.

DOROTÉA

Apesar das más línguas da oposição dizerem o contrário

ODORICO

Queria ver agora, se não tivéssemos o cemitério, toda essa gente pernear seis léguas atrás do caixão.

MOLEZA

Lá isso é verdade; ia ser uma dureza.

DOROTÉA

Certas pessoas deviam ser obrigadas a isso, como castigo pelos danos morais que causaram à nossa cidade.

ODORICO

Ande, vá para o seu posto. E fique de olho, que a oposição é capaz de sabotar o enterro.

MOLEZA

Tenha cuidado não, que pelo meu lado vai correr tudo bem, seu prefeito. Só quando eu penso em jogar aquele monte de terra em cima da pobrezinha me dá um frio na barriga.

DOROTÉA

Oxente!

MOLEZA

Acho que é falta de costume.

ODORICO

Claro. Mais alguns defuntos e o frio passa. Vá, vá para o seu posto.

MOLEZA

Já tou indo.

(Sai.)

ODORICO

E a senhora, providenciou tudo?

DOROTÉA

Tudo que me competia. Os meus alunos já estão aí fora, vão acompanhar o enterro. Tive de ir à casa de um por um, porque há um mês que a escola está fechada por falta de verba, como o senhor sabe.

ODORICO

(Alegre.)

Sei, sei. Mas agora tudo vai mudar. Vamos esquecer os anteontem e pensar nos depois-deamanhã. Com a inauguração do cemitério, a oposição sofreu uma derrota tremenda. Amanhã eu volto a ter maioria na Câmara dos Vereadores. O povo que está envenenado por Neco Pedreira e outros volta a me apoiar. Basta olhar pela janela: a rua está repleta, não ficou uma só pessoa em casa. A inauguração do cemitério vai ser uma apoteose.

DOROTÉA

Quanto a isso, não há dúvida. A inauguração do cemitério é uma grande vitória, ainda que tenha custado a vida a um dos nossos.

ODORICO

As obras que vencem o tempo são sempre construídas com lágrimas e sangue... Assim começa o seu discurso. *(Apalpa o bolso.)* O discurso, onde está o discurso? Será que perdi? Levei a noite toda escrevendo. *(Encontra o manuscrito.)* Ah, está aqui. Vai ser uma bomba.

Entra Zeca Diabo.

ODORICO

Tudo em ordem, delegado?

ZECA

Tudo, seu doutor. O cabra tá trancafiado, com dois macacos de tocaia.

ODORICO

Deu ordem pra não deixar ninguém falar com o preso?

ZECA

Dei. Só que o cabo, não sabe, pediu pra acompanhar o enterro.

ODORICO

O senhor deixou?

ZECA

Deixei. Ele alegou que nesta cidade quase não tem diversão.

ODORICO

Está bem. A Força Pública precisa mesmo estar representada.

O Coronel Hilário Cajazeira entra. É um velho fazendeiro já de idade avançada, mas ainda rijo, como bom sertanejo. Ao verem-no, Dorotéa e Judicéa vão ao seu encontro.

JUJU

É tio Hilário, Dó!

DOROTÉA

Estava com medo que não chegasse pro enterro. *Elas abraçam o Coronel, emocionadas.*

HILÁRIO

Como foi isso?...

DOROTÉA

Uma desgraça, tio Hilário, uma desgraça.

Odorico vai ao encontro do Coronel Cajazeira.

ODORICO

Coronel Cajazeira... meus pêsames... sinto tanto quanto o senhor...

HILÁRIO

Quando recebi a notícia da tragédia, me lembrei de uma carta que meu finado irmão deixou pra mim... Não sei se vocês estão lembradas dessa carta...

DOROTÉA

Não me lembro...

HILÁRIO

A carta contém as derradeiras vontades do pai de vocês... *(Ele tira uma carta do bolso.)...* Eu queria que vocês lessem... O prefeito dá licença... uma reunião de família...

ODORICO

Pois não...

DOROTÉA

Vamos pra outra sala...

Dorotéa, Juju e o Coronel Cajazeira saem. Odorico consulta o relógio.

ODORICO

Isso é hora de fazer reunião de família? Em cima da hora do enterro.

VIGÁRIO

É, já devíamos estar saindo...

Acho que enquanto eles conversam, a gente já podia partir prós finalmentes, não, seu Vigário?

VIGÁRIO

O senhor é quem manda.

ODORICO
Ajudem aqui...

Mestre Ambrósio e Dermeval ajudam Odorico a colocar a tampa no caixão e fechá-lo. Neco Pedreira entra com uma máquina fotográfica.

ODORICO
A primeira alça é minha, faço questão.

Odorico empurra Ernesto e pega na primeira alça.

ODORICO
Capitão Zeca Diabo, pega na outra.

ZECA
Eu também?

ODORICO
Claro, o senhor é autoridade.

NECO
Posso bater uma chapa?

ODORICO
Excelente idéia. Este é um momento histórico. *(Faz pose, sorridente.)*
VIGÁRIO
Não acha que não fica bem sorrir? Afinal de contas, é um enterro.

ODORICO
É, de fato, não fica bem. *(Posa, triste, compungido.)*
A banda ataca a Marcha fúnebre.

NECO
Atenção. *(Bate a chapa.)*
ODORICO

Vamos. Desta vez, vamos.

Entram Dorotéa, Juju e o Coronel Cajazeira.

HILÁRIO
Esperem! Um momento!

ODORICO
Estamos esperando vocês...

HILÁRIO
Esse enterro não pode ser realizado.

ODORICO
Como é?! O senhor tá querendo fazer humor preto numa hora dessas?!

HILÁRIO
O corpo tem que seguir pro mausoléu da família, no Cemitério de Jaguatirica, conforme a vontade do meu finado irmão, pai da falecida.

DOROTÉA
Mostre a carta ao Coronel Odorico, tio Hilário.

Hilário mostra a carta a Odorico.

HILÁRIO
Foi uma carta que ele ditou e assinou, pouco antes de entregar a alma ao Criador. Leia este pedaço.

ODORICO
(Lê.)... desejo ser enterrado com minha mulher no mausoléu da família, em Jaguatirica. Desejo também que minhas três filhas, quando o Senhor as chamar, sejam sepultadas no mesmo lugar, a fim de que de novo possamos estar reunidos na vida eterna.

JUJU

O senhor entende?...

DOROTÉA

Era vontade dele...

Odorico reage violentamente.

ODORICO

Uma ova! Vai ser enterrada aqui é agora!

Odorico atira a carta em cima de Hilário e pega na alça do caixão.

ODORICO

Essa, não! Essa eu enterro de qualquer jeito!

HILÁRIO

De qualquer jeito, não! Você não é dono da defunta! Você não é nem parente!

VIGÁRIO

Coronel, esse é um assunto que cabe aos parentes mais próximos da falecida decidirem. As irmãs.

Odorico olha patético, para Dorotéa e Judicéa.

Dona Dorotéa, Dona Judicéa... as senhoras não vão fazer isso comigo!

Juju baixa os olhos.

DOROTÉA

Sinto muito, Coronel...

JUJU

Nosso pai quis assim...

Odorico, num desespero crescente, vai se distanciando da realidade.

ODORICO

Eu nunca podia esperar isso de vocês! Uma traição! Mas não pensem que me entrego facilmente. Vou para as ruas, vou fazer comícios, vou lutar de armas na mão, mas esse defunto ninguém me tira!

Desatinado, Odorico vai até a janela e fala ao povo.

ODORICO

Meus concidadãos! Querem roubar à nossa terra o direito de enterrar seus próprios mortos! Mas eu, Odorico Paraguaçu, filho de Eleutério e neto de Firmino Paraguaçu não permitirei que o corpo desta infeliz concidadã saia desta casa senão pra fertilizar com suas virtudes a terra morna e cheirosa que a viu nascer!

Ouvem-se vozes fora:
"Viva o Coronel Odorico!... Viva!.. Muito bem!"

ODORICO

É o Direito, é a Liberdade, é a Civilização Cristã que estão em jogo! Ou enterramos Dona Dulcinéa, ou nos enterramos!

OITAVO QUADRO

No dia seguinte. Amanhece. Odorico cochila numa cadeira. O defunto continua no mesmo lugar, velado pela velha Beata e Moleza, que dorme a sono solto. Moleza acorda, dirige-se à janela e, ao passar por Odorico, este desperta, sobressaltado.

.....

ODORICO

Quem foi? O caixão?!...

MOLEZA

Tá no mesmo lugar.

ODORICO

Já amanheceu...

MOLEZA

(Olhando pela janela.) A redação d'A Trombeta esteve de luz acesa a noite toda... Neco anda trabalhando muito.

ODORICO

A noite toda, é?..

MOLEZA

É...

ODORICO

Cadê as irmãs Cajazeira? Dona Dorotéa, Dona Juju?.

MOLEZA

Foram embora há muito tempo.

ODORICO

Mas o povo... *(Chega até a janela, olha.)* Muita gente passou a noite lá fora, solidária comigo. Afinal, isto é como uma guerra. Precisamos resistir todos juntos.

Entra o Vigário.

ODORICO

Falou com eles?

VIGÁRIO

Passei a noite tentando convencê-los.

ODORICO

Conseguiu?

VIGÁRIO

Nada. Fincaram pé. Vão levar o cadáver pra Jaguatirica mesmo.

Só se levarem o meu também.

VIGÁRIO

Infelizmente, eles têm meios de nos obrigar a ceder.

ODORICO

Que meios?

VIGÁRIO

Os Cajazeira requereram ao juiz autorização para levar o corpo.

ODORICO

O juiz é um homem de bem, justo, honesto, honrado, cristão, não vai dar...

VIGÁRIO

Já deu.

ODORICO

Juiz patifento. Safado! Sempre desconfiei desse juiz.

VIGÁRIO

Há outra coisa também contra nós...

ODORICO

Todas as coisas estão contra nós. Tudo está contra nós!

VIGÁRIO

Temo que o defunto também fique.

ODORICO

Como?

VIGÁRIO

Fedendo. Com este calor, daqui a pouco vai começar a exalar mau cheiro.

MOLEZA

Aliás já tá.

VIGÁRIO

Ninguém vai agüentar.

ODORICO

Temos então de embalsamar o corpo.

VIGÁRIO

Aqui não há ninguém que faça isso.

ODORICO

Mas podia-se arranjar um pouco de perfume... para quando começasse a feder muito.

VIGÁRIO

Isso não vai impedir a decomposição do corpo.

ODORICO

Mas que diabo, o senhor só inventa dificuldades!

VIGÁRIO

Eu não invento nada; são leis dos homens e leis da natureza.

ODORICO

Será possível que todas as leis tenham se voltado contra mim, que sou o prefeito?

Zeca Diabo entra seguido de Dorotéa, Juju e Hilário.

ZECA

Seu prefeito?

ODORICO

Que é que há? Vocês...

ZECA

Trago aqui uma ordem.
(Mostra um papel.)

ODORICO

De quem?

ZECA

Do juiz.

VIGÁRIO

Não disse?

ODORICO

O senhor recebe ordens minhas, não do juiz.

ZECA

É não.

ODORICO

Não?

ZECA

Fui falar com o juiz e ele me explicou: esta ordem anula a sua. É lei.

HILÁRIO

Leia pra ele ouvir.

ZECA

(Começa a ler com dificuldade.) Ex... ce... lentíssimo se... nhor...

VIGÁRIO

Quer que eu leia?

ZECA

É melhor... leitura não é o meu forte...

VIGÁRIO

(Toma o papel e lê.) ...considerando que o marido da falecida está preso; considerando que as senhoritas Dorotéa e Judicéa Cajazeira são os parentes mais próximos da defunta em condições de opinar; considerando...

ODORICO

Seu Vigário, vamos botar de lado os considerandos e partir prós finalmentes. Quem o meritíssimo acha que está com a razão?

VIGÁRIO

Eles.

ODORICO

Pois se é essa a decisão da Justiça, data vênia, digam ao meritíssimo juiz que não aceito.

JUJU

Mas é o juiz!

HILÁRIO

Você não pode se recusar a cumprir uma decisão da Justiça!

ODORICO

Também tenho jurisprudência firmada sobre o assunto. O defunto é meu e ninguém me tira!

HILÁRIO

Delegado, a Polícia tem que garantir o cumprimento da ordem judicial.

ZECA

Pode deixar.

ODORICO

Quem vai garantir?

ZECA

Eu mesmo.

ODORICO

E quem é você?

ZECA

O delegado, oxente!

ODORICO

(Apanha um papel sobre a mesa.) Está demitido!
Espera uma reação violenta de Zeca Diabo.

ZECA

(Muito chocado, sua reação é infantil, como menino que foi expulso do brinquedo.)Demitido... mas eu não fiz nada... eu só queria cumprir a lei...

meu Padim Pade Ciço é testemunha... Vosmincê não está satisfeito comigo?

ODORICO

Com você, muito; não estou satisfeito é com a lei.

ZECA

E agora o que é que eu vou fazer?

ODORICO

Acho bom sair da cidade, se não quer ser preso.

ZECA

Preso? Mas vosmincê deu a sua palavra...

ODORICO

Minha palavra não vale nada, o que vale é a lei. E você agora está fora da lei.

ZECA

(Extremamente confuso e aborrecido.) A lei... fora da lei... Seu Dotô-Prefeito não podia fazer isso comigo... não podia...

HILÁRIO

Isso é um absurdo! Vou falar com o juiz!

DOROTÉA

O senhor vai e nós ficamos velando o corpo.

(Hilário sai. Dorotéa e Juju vão para junto do caixão.)

VIGÁRIO

O senhor fez bem em demiti-lo; o passado desse homem não o recomendava para o posto.

ODORICO

Há dois dias que estou com a demissão dele na gaveta.

VIGÁRIO

E a ordem do juiz?

ODORICO

Que tem?

VIGÁRIO

O senhor mediu bem as conseqüências de seu gesto?

ODORICO

Padre, eu levei quase dois anos para arranjar um defunto; dois anos a oposição malhando nas minhas costas; e agora que o defunto está aqui, preparado, prontinho para ser despachado, o senhor acha que eu vou entregá-lo assim de mão beijada? Nunca. Pode o juiz mandar trinta ordens. Daqui o defunto só sai comigo.

VIGÁRIO

O juiz pode requisitar força estadual para fazer cumprir a ordem.

ODORICO

Que mande, que mande um batalhão. Melhor até, porque isso vai ferir os brios da população. E aí, com o povo do lado, eu vou enterrar o defunto na marra.

VIGÁRIO

Bem, eu fiz o que pude para solucionar a questão pacificamente. Já que há intransigência de parte a parte, eu me retiro para a minha igreja. Aguardarei lá a solução.

ODORICO

Julguei que o senhor estava comigo.

VIGÁRIO

Eu continuo, intimamente, com o senhor. Para efeitos exteriores, porém, acho melhor aparentar uma certa neutralidade. Compreende, quando dois poderes se digladiam, o Executivo e o Judiciário, é prudente que a Igreja não

tome partido.

ODORICO
Muito sábia a sua posição.

VIGÁRIO
Obrigado. Com licença.
(Sai.)

ODORICO
Claro, assim, vença quem vencer, ele está sempre de cima.

NECO
(Entrando.)
Odorico, preciso falar com você.

ODORICO
Pode falar.

Dorotéa e juju ficam atentas ao ao diálogo entre Neco e Odorico.

NECO
Estive na cadeia, Odorico.

ODORICO
Devia ter ficado lá, é um bom lugar pra você.

NECO
Talvez você não responda com tanto espírito quando souber que eu entrevistei Dirceu Borboleta.

ODORICO
Subornou os soldados, com certeza.

NECO
Foi preciso não. Mas ainda que fosse, meu crime era bem menor do que o

seu.

ODORICO

Que foi que aquele borboletista lhe disse?

NECO

Tudo. Tudo como se passou. Você vai ler na minha gazeta.

Neco mostra um exemplar do jornal.

ODORICO

(Arrebata o jornal das mãos de Neco.) Isso é uma gazeta que se lava e enxágua no calunismo. Que foi que você escreveu aí?

NECO

A pura verdade. Que foi você que mandou Dona Dulcinéa à redação do jornal; foi você quem inventou que ela era minha amante; foi você quem emprestou o revólver, foi você quem delatou Dirceu, depois de ter mandado ele se esconder na igreja.

Dorotéa, Moleza e Juju ouvem tudo, perplexos.

ODORICO

Não acreditem; tudo isso é mentira. *(Amarrota o jornal e atira-o ao chão.)* Essa imprensa marronzista...

Juju apanha o jornal e põe-se a ler com Dorotéa. Ernesto entra e reúne-se a elas.

ODORICO

Dirceu Borboleta está meio gira. O que ele fez já é uma prova de desmiolamento. Matar a mulher, que era uma santa, com seis tiros, só um louco faz isso. Além do mais, vocês sabem, ele tinha a mania de caçar borboletas. Era um borboletista juramentado. Passava o dia todo com aquela rede, pelos matos, borboletando, nem ligava pra mulher. De-repentemente... vocês não acham que tudo isso são sintomas de loucura? Vou chamar um

especialista da capital e vocês vão ver.

DOROTÉA

Especialista pra quem? Você ou Dirceu?

NECO

Vamos ver quem o especialista vai achar mais louco: o caçador de borboletas ou o caçador de defuntos.

(Inicia a saída.)

ODORICO

Vou mandar apreender toda a edição desse pasquim!

Ouve-se um jornaleiro, fora, apregoando: "A Trombeta! Vai *ler* A Trombeta/"

NECO

(Detém-se na porta, sorri.)

Agora, é tarde...

(Sai.)

DOROTÉA

Nem consigo acreditar!

JUJU

É monstruoso!

Zelão e Mestre Ambrósio entram, lendo o jornal; têm para Odorico um olhar de acusação e espanto.

ODORICO

Por que me olham assim? Não era ela, juro, não era ela o defunto que eu queria, era Neco Pedreira!

JUJU

Tudo mentira! Não havia nada entre eles!

ERNESTO

E ele ainda delatou Dirceu!
(Com horror.) E era padrinho deles, de casamento!

DOROTÉA

Como pode um homem só enganar tantos, durante tanto tempo!

MOLEZA

Coitadinha! Que judiação!

Juju e Ernesto iniciam a saída, horrorizados.

ODORICO

Aonde vocês vão? Esperem! O enterro vai sair. Tudo isso será explicado depois. É preciso que vocês confiem em mim. Tudo será explicado. O importante é fazer o enterro inaugurar o cemitério.

ERNESTO

Nós preferimos esperar lá fora.
(Sai com Juju.)

ODORICO

(Volta-se para Dorotéa.) Será possível que ninguém mais confie em mim! Até as pessoas que...

Dermeval e Moleza aproveitam a fala de Odorico para sair. Odorico pressente, volta-se e não mais os vê.

ODORICO

Todos... todos! *(Vai até a janela. Ouve-se o jornaleiro: "Vai ler* A Trombeta/ *Odorico matou Dulcinéa para inaugurar o cemitério! Vai ler* A Trombeta/") Todos... *(Grita para a rua.)* Não leiam essa gazeta demagogista! Não leiam! Tudo isso é mentira! Caluniamento!*(Desamparado.)* Parece que agora estão todos contra mim! Todos fogem de mim!

Zelão, Ambrósio e a Velha saem sorrateiramente.

DOROTÉA

Eu ainda estou aqui.

ODORICO

Desculpe... com você eu sei que posso contar até o fim. *(Segura-a pelos braços, num gesto fraternal.)* Sempre soube, Dorotéa. *(Num impulso repentino, aperta-a de encontro ao peito.)* Você sempre me compreendeu.

DOROTÉA

(Afasta-o, lentamente, com leve repulsa.) Acho que não. E não acredito que você consiga sair dessa enrascada.

ODORICO

Você não acredita que eu ainda possa me recuperar?

DOROTÉA

Acredito não. Com essa, você está liquidado.

ODORICO

É... era preciso que alguma coisa acontecesse...

DOROTÉA

O quê?

ODORICO

Sei não... alguma coisa que colocasse o povo do meu lado novamente.

DOROTÉA

Por exemplo?

ODORICO

Por exemplo... um atentado.

DOROTÉA

Contra quem?

ODORICO

Contra mim.

DOROTÉA

É, podia ser que desse resultado. Principalmente se você morresse.

ODORICO

Oxente, espera lá! Morrendo, não adiantava nada.

DOROTÉA

E creio é que a gente ia saber que eles não iam lhe matar?

ODORICO

Eles quem?

DOROTÉA

Quem praticasse o atentado.

ODORICO

Mas nós é que vamos praticar o atentado. Nós mesmos. E depois vamos dizer que foi a Oposição. Assim eu passo de réu a vítima.

Entra Zeca Diabo. Pára na porta, olhos cravados em Odorico.

ODORICO

Está aí o homem de que eu preciso! Capitão Zeca Diabo! Dou minha palavra que o senhor vai ter um fim de vida tranqüilo, como deseja, com a minha proteção e a minha ajuda. Lhe dou até uma fazendinha pro senhor criar suas galinhas.

ZECA

E pra quê, seu Dotô-Coroné-Prefeito?

ODORICO

Pro senhor me ajudar. Estão querendo acabar comigo, capitão. Esses badernistas conseguiram botar o povo contra mim. E é preciso que aconteça alguma coisa que vire o jogo, senhor está entendendo? Um atentado, por exemplo. Um atentado covarde, brutal, que revoltasse todo mundo! Um atentado simulado, é claro... E quem melhor pra isso que Zeca Diabo? Vamos imaginar que o senhor entrasse aqui agora, de trabuco em punho, mandando bala pra tudo quanto é lado. Eu finjo que me defendo, faço uma laúza dos diabos, o senhor foge no seu cavalo e a gente bota a culpa na Oposição que contratou o senhor pra fazer isso!

ZECA

Quando vai ser isso?

ODORICO

Agora! Agora mesmo... Dona Dorotéa, telefone prós jornais de Salvador, exagere, diga que morri, que estou crivado de balas... e acuse logo a Oposição! Vamos virar umas cadeiras, quebrar umas coisas... pra dar uma aparência de luta...

Odorico fala e vai virando as cadeiras, espalhando papéis pelo chão. Zeca Diabo continua imóvel, impassível, olhar duro cravado nele.

ZECA

Era bom vosmincê pegar também o revólver...

ODORICO

Ah sim... Eu também tenho que dar uns tiros... pra fingir que resisti.

Odorico abre a gaveta da escrivaninha e apanha o revólver.

ODORICO

Bem, agora o senhor dá uns tiros pra cima e sai correndo.

Zeca Diabo puxa o revólver, lento.

ZECA

Seu Dotô-Coroné-Prefeito, eu mandei vosmincê pegar no revólver não foi pra dar tiro pra cima, foi pra se defender porque eu vou lhe matar.

Odorico sente que ele está falando sério. Apavora-se.

ODORICO

Oxente... que brincadeira é essa?!

ZECA

Não é brincadeira não, seu Dotô-Coroné-Prefeito. Traidor não merece viver, tanto mais traidor de moça donzela. Se tem bala nesse revólver, atire em mim, que meu Padim Pade Ciço é testemunha que eu nunca matei ninguém que antes não quisesse me matar. Afora a raça de Coronel Lidáno, que isso não conta. Vamos, atire!

Odorico sua frio.

ODORICO

Não vou fazer isso com o senhor... não tenho nada contra o senhor...

ZECA

Mas eu tenho contra vosmincê. Vou contar até três. Ou vosmincê atira, ou morre assim mesmo.

ODORICO

E o seu juramento?

ZECA

É um...

ODORICO

O senhor jurou não matar mais ninguém!

ZECA

É dois...

ODORICO

Padre Cícero vai lhe castigar!

ZECA

É três!

Apagam-se os refletores. Ouvem-se vários tiros, dos dois revólveres. A seguir, durante a mutação, a Marcha fúnebre *de Chopin, executada pela lira de Sucupira.*

NONO QUADRO

Na boca de cena, o portão do cemitério, encimado pela inscrição: "Revertere ad locum tuum" De costas para o público, cercando o túmulo oculto pelas coroas, o Vigário, Dorotéa, Judicéa, Ernesto, Hilário Cajazeira, Dermeval, Mestre Ambrósio, Zelão, a Velha Beata e populares. De frente para a platéia, ao fundo, em plano mais elevado, Neco Pedreira. A seu lado, Moleza com a sua pá de coveiro. Neco discursa.

.....

NECO

Odorico Paraguaçu, aqui estamos para o último adeus a ti que foste um exemplo para todos nós. Exemplo de probidade e caráter, de perseverança e lealdade, de justiça e amor ao próximo.

Uma garrafa de cachaça corre de mão em mão, disfarçadamente. Dermeval, Zelão, Ambrósio, cada um toma um gole, sob o olhar de reprovação de Dorotéa e Juju.

DOROTÉA

Devia haver mais respeito apesar de tudo.

JUJU

Afinal, ele era uma autoridade.

NECO

Só tu, Odorico, mais ninguém, podias merecer a subida honra de inaugurar este campo-santo, que foi a grande obra do seu governo, o grande sonho de sua vida, afinal realizado! Adeus Odorico, o Grande, o Pacificador, o Desbravador, o Honesto, o Bravo, o Leal, o Magnífico, o Bem-Amado...

FIM